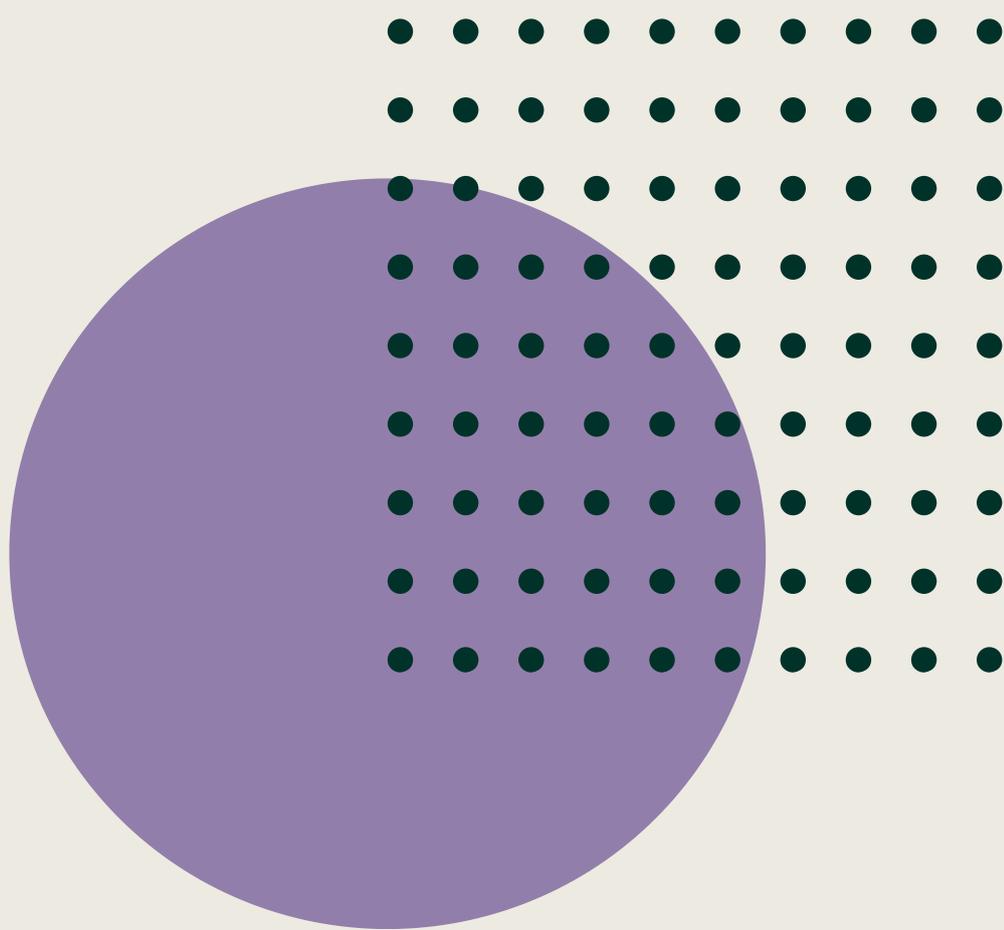


# PIORES CIDADES PARA SER MULHER

2024



# FICHA TÉCNICA

Estudo realizado pela Tewá 225 em outubro de 2024

## TEWÁ 225

### CONSELHO

*Gabriela Oliveira*  
*Fernanda Mallak*  
*Luciana Sonck*

### PESQUISA E ANÁLISE TÉCNICA

*Ana Claudia de Almeida*  
*Marina Schkolnick Soares Leite*

### P&D E INOVAÇÃO

*Maitê de Lara Sanches*

### COMUNICAÇÃO

*Amanda Andrade*

---

### APOIO TÉCNICO

*Antonio Henrique Pires dos Santos*  
*Marcus Vinícius Torres*

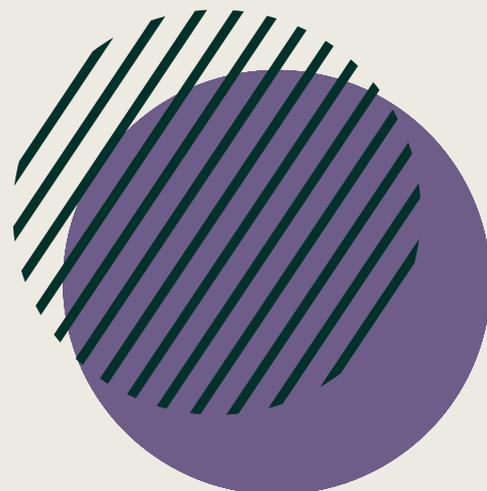
### DIAGRAMAÇÃO

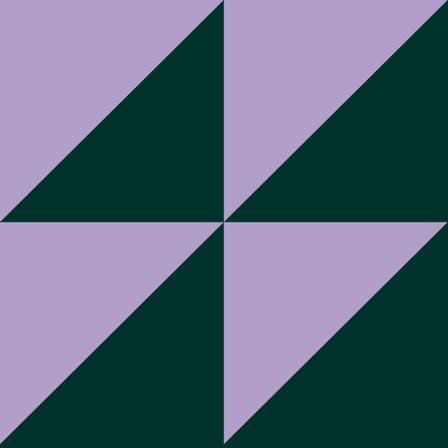
*Amanda Andrade*



# SUMÁRIO

01. POR QUE DESTACAR AS PIORES CIDADES BRASILEIRAS PARA MULHERES?	05
02. O ÍNDICE DO OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL 5	07
03. NOTA METODOLÓGICA	10
04. AS PIORES CIDADES PARA MULHERES NO BRASIL	12
05. RESULTADOS DO ESTUDO	34
06. CONCLUSÕES	37
07. BIBLIOGRAFIA	39
08. ANEXO: RANKING COMPLETO	42





POR QUE  
DESTACAR  
**AS PIORES  
CIDADES  
BRASILEIRAS**  
PARA  
MULHERES?



Ser mulher é algo desafiador no nosso mundo atual. Apesar dos esforços que vemos de conscientização das desigualdades de gênero e a tentativa de implementação de soluções, a realidade é muito dura para mulheres, especialmente as que estão em maiores condições de vulnerabilidade, como as mulheres negras. Com apenas seis anos restantes para a conclusão da Agenda 2030, o último Relatório Voluntário Local - RVL dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) destaca que todas as metas do ODS 5<sup>1</sup> (de atingir a igualdade de gênero) estão estagnadas ou caminhando para um retrocesso nos últimos anos. Em um mundo em que as mulheres sofrem, grande parte da população sofre junto, já que, afinal, elas são as principais cuidadoras das crianças, idosos e pessoas com deficiência (PCDs).

Apesar das mulheres representarem 51,5% da população do Brasil, elas continuam sendo as mais vulneráveis a uma série de adversidades, incluindo pobreza, violência, precariedade no mercado de trabalho e impactos das mudanças climáticas. Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), em 2023, foram registrados mais de 1,2 milhão de casos de violência contra mulheres, incluindo feminicídios, agressões domésticas, ameaças e violência sexual. Desse total, 63,6% das vítimas foram mulheres negras (pretas e pardas), reforçando a intersecção das desigualdades de gênero e raça no país.

Estima-se que mais de 10 milhões de pessoas possam estar em risco em casos de enchentes e deslizamentos nos próximos anos, se não forem adotadas políticas de adaptação mais inclusivas, segundo o Cemaden/IBGE (2018). O Brasil vem enfrentando crescentes desafios relacionados à vulnerabilidade climática, que afetam as mulheres de maneira desproporcional: em situações de desastres naturais, como enchentes e deslizamentos, as mulheres costumam ser as mais impactadas, seja pela necessidade de cuidar de dependentes, seja pela precariedade habitacional e acesso limitado a abrigos seguros. Um estudo do *Caderno da Marcha das Margaridas* (2023) destaca que as mulheres ribeirinhas e as do meio rural são particularmente afetadas por desastres climáticos devido à precariedade de infraestrutura e ao difícil acesso a serviços públicos, como saúde e transporte.

**Considerando todo este contexto, a primeira edição do estudo “Piores Cidades Para Ser Mulher (2024)”, desenvolvido pela Tewá 225, tem como objetivo explorar quais cidades brasileiras estão conseguindo oferecer para as mulheres um cenário de maior dignidade, inclusão e desenvolvimento, e quais não.**

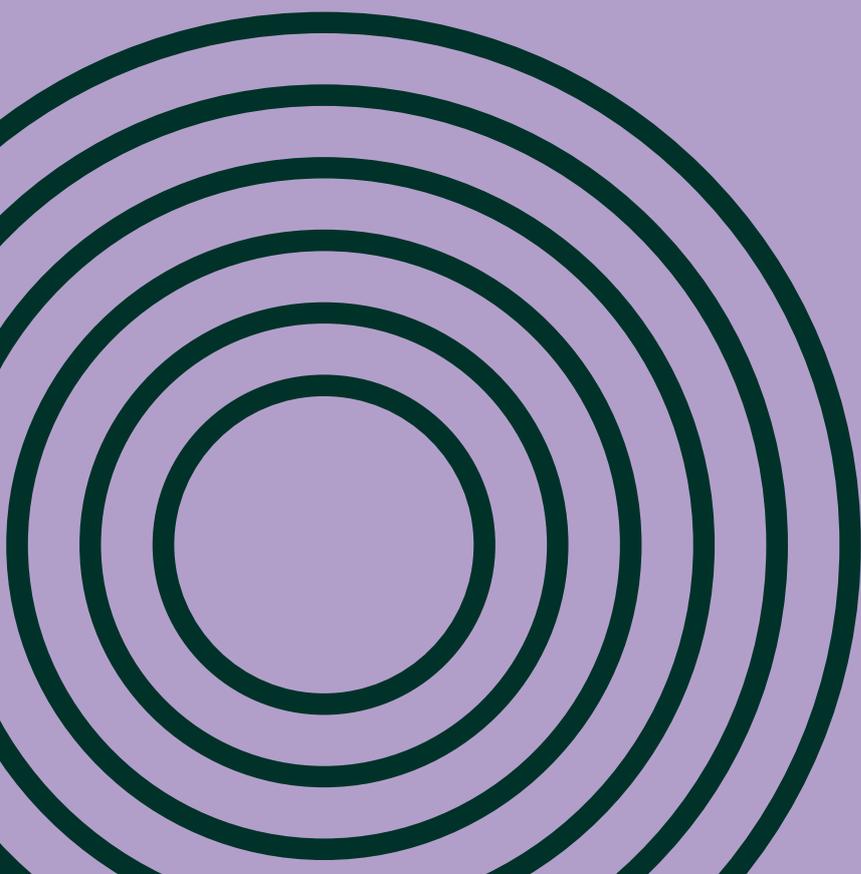
É importante para as mulheres tomarem consciência sobre seus territórios e também mobilizarem seu capital político por melhorias.

Destacar as cidades mais desafiadoras para as mulheres se torna ainda mais relevante após as eleições municipais de 2024, pois é uma oportunidade de colocar a igualdade de gênero no centro das agendas políticas e promover compromissos mais concretos dos prefeitos e prefeitas eleitos. As eleições municipais têm um papel crucial na implementação de políticas públicas, especialmente porque são as prefeituras e câmaras municipais que determinam grande parte das políticas fundamentais para a vida das mulheres.

A divulgação dessas informações pode gerar um efeito de emulação positiva, incentivando a adoção de políticas mais eficazes e a destinação de recursos de maneira direcionada, podendo, inclusive, desenvolver mecanismos participativos como os Planos Municipais de Gênero/Mulheres e outros Organismos de Políticas para Mulheres - OPMs.

<sup>1</sup> Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são um conjunto de 17 metas estabelecidas pela Assembleia Geral da ONU em 2015 como parte da Agenda 2030, que visa abordar os principais desafios globais, como pobreza, desigualdade, mudanças climáticas e paz. O quinto ODS (ODS 5) busca promover a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, reconhecendo seu papel crucial no desenvolvimento sustentável e na erradicação da pobreza.

# O ÍNDICE DO OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL 5





Globalmente, existem bons indicadores desenvolvidos para a medição e comparação da qualidade de vida das mulheres, que variam significativamente em abrangência e recortes temáticos. O *SDG Gender Index*, por exemplo, avalia o progresso das metas de igualdade de gênero dos ODS em 144 países, abrangendo 14 objetivos e 56 indicadores diferentes. Seu enfoque é mais amplo, buscando capturar um panorama global das desigualdades de gênero por meio de temas que incluem saúde, educação, emprego e segurança.

Por outro lado, o *Women, Peace and Security Index (WPS)* oferece uma perspectiva mais específica, analisando 170 países com foco em três dimensões principais: inclusão, justiça e segurança. Este índice busca medir não apenas a presença das mulheres em espaços econômicos e políticos, mas também as condições de justiça (formal e informal) e os níveis de segurança, tanto em casa quanto em comunidades mais amplas.

Nos Estados Unidos, o *Status of Women in the States*, desenvolvido pelo *Institute for Women's Policy Research (IWPR)*, também oferece uma análise detalhada, mas segmentada, com foco em sete áreas principais: participação política, emprego e renda, trabalho e família, pobreza e oportunidades, direitos reprodutivos, saúde e bem-estar, além de violência e segurança. Este índice foca na realidade das mulheres em diferentes estados norte-americanos, utilizando dados desagregados por gênero, raça e etnia. Esses exemplos evidenciam que os índices voltados a identificar como está a vida e a situação das mulheres ao redor do mundo variam conforme os objetivos e a profundidade da análise e refletem a complexidade de capturar integralmente a realidade das mulheres.

No Brasil, em consonância com os objetivos da Agenda 2030, e especialmente comprometidos em monitorar os avanços brasileiros, o Instituto Cidades Sustentáveis desenvolveu o Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades – Brasil (IDSC- BR), uma ferramenta de monitoramento dos ODS nos 5.570 municípios brasileiros. Criado em parceria com o *Sustainable Development Solutions Network (SDSN)* e o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), o IDSC-BR oferece uma visão abrangente e integrada do desempenho das cidades em relação aos 17 ODS. Ele visa guiar a gestão pública local na implementação da Agenda 2030, possibilitando comparações entre cidades e regiões para a tomada de decisões políticas mais informadas.

O IDSC é composto por 100 indicadores que qualificam a distância dos municípios brasileiros do atingimento das metas dos ODS, com uma metodologia elaborada pela Rede das Nações Unidas de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável (UN SDSN na sigla em inglês) que é utilizada globalmente. Isso porque o monitoramento das metas dos ODS é um desafio global e implica uma força tarefa unificada, capaz de cruzar dados de diferentes realidades, países e culturas, para uma comparação entre municípios do mundo todo.



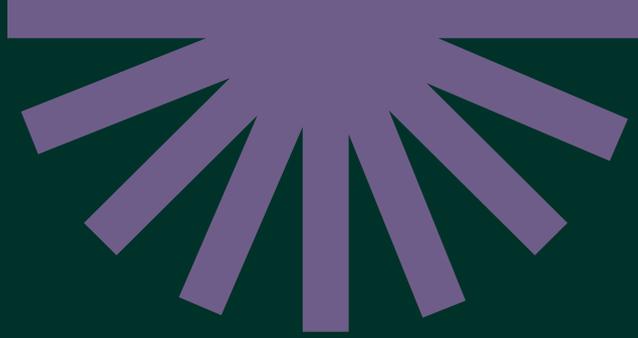
Dentre os temas que compõem o IDSC, a performance dos municípios brasileiros no que tange o objetivo de “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” é representada pelo Índice do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (Igualdade de Gênero).

A Tewá 225, neste estudo, escolheu utilizar este índice específico como base para desenvolver um **ranking das piores cidades para ser mulher no Brasil**, considerando o reconhecimento consolidado do IDSC-BR e sua aplicabilidade para comparações internacionais. A composição do Índice do ODS 5 considera as seguintes variáveis:

- taxa de feminicídio a cada 100 mil mulheres;
- desigualdade salarial por sexo;
- percentual de mulheres na câmara de vereadores - ciclo legislativo 2020-2024;
- taxa de jovens mulheres (15 a 24 anos) que não estudam nem trabalham (NENT);
- e a diferença percentual entre homens e mulheres que não estudam nem trabalham.

Esses subindicadores juntos formam um índice que varia de 0 a 100, podendo identificar onde se localiza o município frente a esse tema (o que também acontece para todos os demais ODS no ranqueamento do índice municipal geral), como outros indicadores já renomados como o IDH e o PIB.

O IDSC é, portanto, um indicador reconhecido e sub desagregável, tanto por tema quanto por município, para dar vazão à necessidade de monitoramento e engajamento do setor público frente aos seus desafios, visando um governo cujas ações são pautadas por evidências e que os ODS sejam atingidos no Brasil e globalmente.



# NOTA METODOLÓGICA

# NOTA METODOLÓGICA

## OBJETIVO DO ESTUDO

- Classificar as cidades brasileiras com base no subindicador específico do ODS 5 (Igualdade de Gênero) do Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades (IDSC), visando compreender suas diferenças em igualdade de gênero.

## CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS MUNICÍPIOS

- **Critério de Inclusão:** foram analisadas apenas cidades com população acima de 100 mil habitantes, garantindo uma comparação mais justa entre municípios de características urbanas similares.
- **Proporção territorial:** o número de cidades incluídas por região reflete a distribuição geográfica de municípios urbanos de grande porte no Brasil. O Sudeste apresenta a maior concentração de cidades elegíveis (49,7%), seguido pelo Nordeste (20,1%), Sul (12,6%), Norte (10,1%) e Centro-Oeste (7,5%).

## ABORDAGEM DE ANÁLISE

- **Método descritivo:** Análise com estratificação das cidades em diversas variáveis de interesse.
- **Variáveis consideradas:** Geográficas, políticas e econômicas (Anexo 1).
- **Referência temporal:** Dados do ODS 5 atualizados até novembro de 2024.

## ESTRUTURA DO ÍNDICE DO ODS 5

Para facilitar a interpretação dos resultados, as informações do IDSC-BR são organizadas em faixas de cores. Essa organização visual facilita uma interpretação rápida do desempenho de cada cidade, destacando os principais pontos de desafios, com o seguinte significado:

FAIXA DE DESEMPENHO	PONTUAÇÃO	SIGNIFICADO
Muito Baixo	0 a 39,99	Grandes desafios para a igualdade de gênero
Baixo	40 a 49,99	Desempenho abaixo do esperado
Médio	50 a 59,99	Desempenho aceitável, porém ainda com desafios
Alto	60 a 79,99	Indicadores que indicam avanços notáveis
Muito Alto	80 a 100	Desempenho de destaque, bem acima da média

## LIMITAÇÕES TEMPORAIS NA REPRESENTATIVIDADE POLÍTICA: ANÁLISE BASEADA NO CICLO LEGISLATIVO MUNICIPAL DE 2020-2024

A base de dados utilizada para este estudo foi extraída do Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades (IDSC), com informações atualizadas até 2024. É importante destacar que os dados referentes à composição das câmaras de vereadores não consideram a nova legislatura eleita em 2024, uma vez que o estudo foi realizado antes da posse de novos parlamentares, ocorrida em 2025. Assim, as análises relacionadas à representatividade política refletem o cenário vigente até o último ciclo legislativo, podendo não captar possíveis mudanças promovidas pela composição recentemente empossada.



**AS PIORES CIDADES**  
*PARA SER MULHER*  
**NO BRASIL**

# AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

## QUAIS MUNICÍPIOS COMPÕEM ESSE ESTUDO?

Este estudo examinou os 319 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes. Apesar de sua alta densidade populacional, esses municípios compartilham padrões regionais que ajudam a entender a distribuição das dificuldades enfrentadas pelas mulheres. A maioria dessas cidades (198) está localizada na Mata Atlântica, seguida pelo Cerrado (55), Amazônia (31), Caatinga (23) e Pampa (12). Regionalmente, essas localidades se concentram no Sudeste (149), com números menores no Nordeste (65), Sul (55), Norte (26) e Centro-Oeste (25).

A composição populacional nesses municípios é predominantemente feminina, com uma média de 52%, alcançando até 55% em alguns casos. Contudo, ao considerar a intersecção entre gênero e raça, as disparidades se tornam mais evidentes: a média de mulheres negras (pretas e pardas) atinge 52,7%, variando drasticamente, de apenas 12,9% em Tubarão (SC) a expressivos 88,5% em Simões Filho (BA).

Os três maiores PIBs municipais são: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, que representam centros econômicos robustos e diversificados, cada um com setores estratégicos que impulsionam seu crescimento. De acordo com o IBGE (2021), São Paulo, por exemplo, destaca-se como o maior centro financeiro e industrial da América Latina, com um PIB de R\$828,9 bilhões. O Rio de Janeiro, com um PIB de R\$359,6 bilhões, também é impulsionado por uma economia variada, com destaque para o setor de petróleo, turismo e serviços. Por sua vez, Brasília, com R\$286,9 bilhões, concentra grande parte de sua economia na administração pública, atraindo serviços especializados, mas sua dependência do setor público limita a diversificação de oportunidades.

Contrastando com esses grandes centros, a amostra também é composta por cidades como Breves (PA), Novo Gama (GO) e Paço do Lumiar (MA), que representam o outro extremo da distribuição de PIB. Em Breves, com apenas R\$894 milhões, a economia é predominantemente extrativista e agropecuária, sem infraestrutura que promova a diversificação ou a elevação de renda. Novo Gama é um exemplo de município com baixa autonomia econômica, onde o PIB de R\$1,1 bilhão reflete uma dependência dos empregos e serviços em Brasília, além de dificuldades de infraestrutura para fomentar atividades econômicas independentes. Paço do Lumiar, com PIB de R\$1,2 bilhão, é outro caso de economia restrita, com atividades principalmente voltadas para serviços locais.

## COMO AS CIDADES ESTÃO ATINGINDO A IGUALDADE DE GÊNERO?

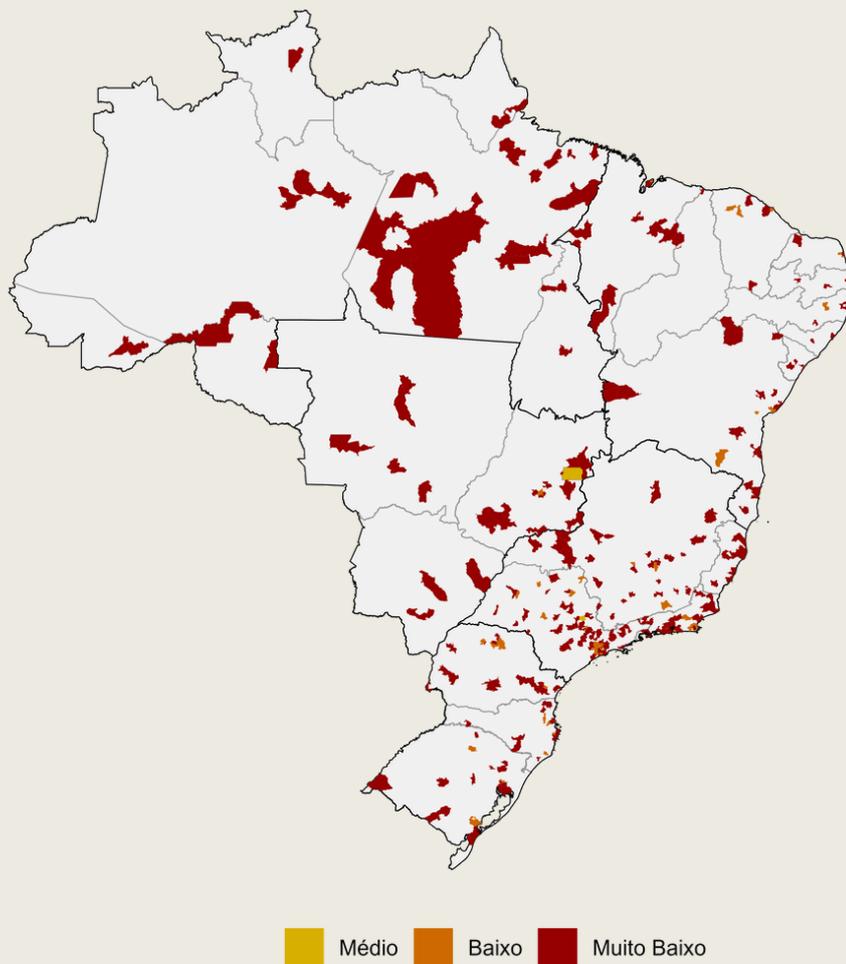
A análise do índice global do ODS 5, conforme calculado no IDSC, revela que **84,3% dos 319 municípios avaliados, ou seja, 269 cidades, estão classificados na faixa "muito baixa", com uma média de apenas 34,53 pontos.**

Esse resultado indica que, mesmo nas grandes cidades, com mais de 100 mil habitantes e que deveriam oferecer infraestrutura e políticas públicas adequadas, a igualdade de gênero ainda é uma questão que precisa ser enfrentada com urgência. O desvio padrão de 5,8 pontos indica uma variação menor entre as notas dos municípios, o que sugere uma homogeneidade preocupante na baixa pontuação. Embora as pontuações variem de 0 a 100, nenhum município consegue ultrapassar 54 pontos, com apenas 3 cidades (Araras - SP, São Caetano do Sul - SP e Brasília - DF) atingindo desempenho considerado "Médio".

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

No mapa 1, podemos observar o comportamento geográfico do Índice do ODS 5 nos 319 municípios brasileiros acima de 100 mil habitantes. O mapa apresenta uma realidade igualmente difícil para as mulheres em todas as regiões do país, pois tanto Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste, são marcadas pela forte predominância de municípios com desempenho “Muito Baixo”.

### MAPA 1- ÍNDICE DO ODS 5 NOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS COM MAIS DE 100 MIL HABITANTES



Elaborado por Tewá 225, 2024

Na figura 1, podemos observar uma análise regionalizada do Índice de ODS 5. Esses dados mostram não apenas as médias e medianas de cada região, mas também como determinados municípios se destacam em relação ao índice, atuando como exceções em suas respectivas regiões.

Observa-se que **as regiões Sul e Sudeste apresentam as maiores médias no índice**, com 36,4 e 34,8, respectivamente, seguidas de perto pelo Centro-Oeste, com média de 34,2, e pelo Nordeste, com 33,7. A região Norte, embora ainda apresente a média mais baixa, de 31,4, também mostra valores mais próximos das demais, indicando pouca discrepância entre as regiões do país. Todas as cinco regiões, portanto, apresentam desempenhos semelhantes no desafio de avançar na igualdade de gênero.

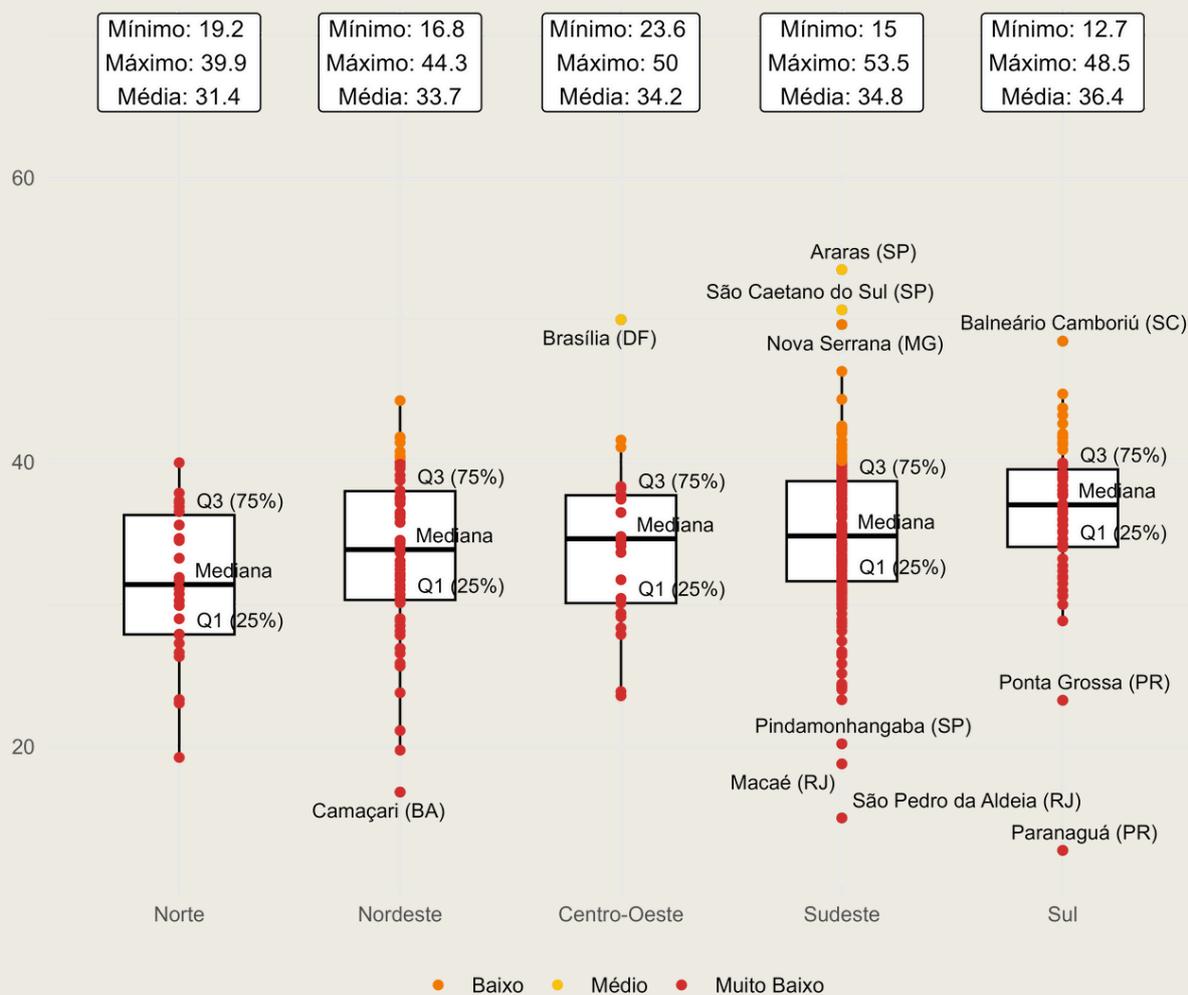
Os municípios que pontuam como exceções à média das suas regiões também oferecem um panorama interessante. Os municípios do Norte e Nordeste apresentam baixa variação no índice, despontando apenas Camaçari (BA) como destaque negativo.

# AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

No Centro-Oeste, Brasília (DF) se destaca como positivo, refletindo uma situação mais favorável em comparação com outros municípios da mesma região. Sudeste e Sul são as regiões com maior variação e mais municípios que fogem à média, tanto positivamente quanto negativamente.

No Sudeste, Araras (SP) apresenta o índice mais elevado do país e é o grande destaque da região, seguido por São Caetano do Sul (SP) e Nova Serrana (MG). Do outro lado, Pindamonhangaba (SP), Macaé (RJ) e São Pedro da Aldeia (RJ) destoam negativamente. Por fim, no sul, Balneário Camboriú (SC) é o destaque positivo da região, enquanto Ponta Grossa (PR) e Paranaguá (PR) apresentam as menores pontuações, destacando-se negativamente na região e na análise global do ranking.

**FIGURA 1 - ANÁLISE COMPARATIVA DO ÍNDICE ODS 5: DESEMPENHO DE MUNICÍPIOS BRASILEIROS ACIMA DE 100 MIL HABITANTES POR REGIÃO**

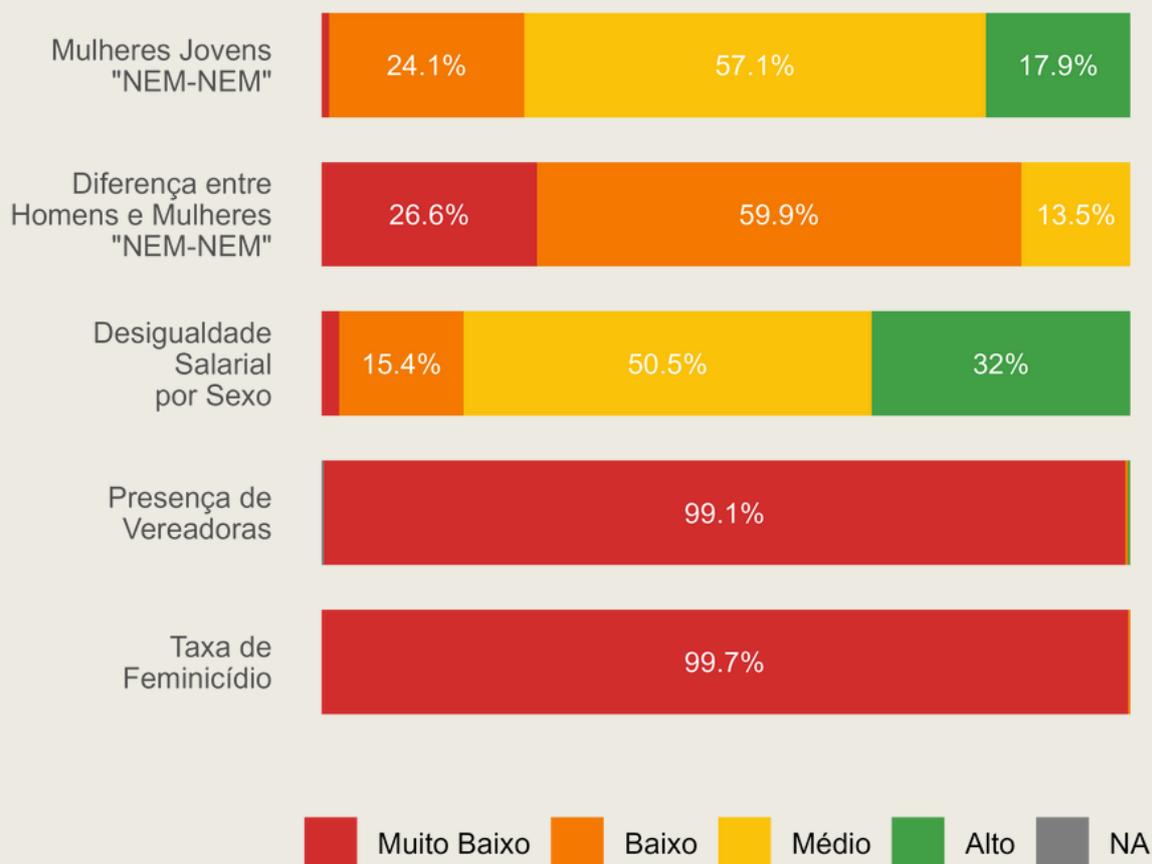


Elaborado por Tewá 225, 2024.

## QUAIS TEMAS SÃO MAIS PROBLEMÁTICOS PARA AS CIDADES?

Considerando a baixa performance dos municípios no Índice do ODS 5, buscamos observar cada uma das suas 5 variáveis individualmente, a fim de compreendermos com mais detalhes quais indicadores performam melhor e quais performam pior para as mulheres que habitam esses territórios.

**FIGURA 2 - ANÁLISE DESAGREGADA DO ÍNDICE ODS 5: DESEMPENHO DE MUNICÍPIOS BRASILEIROS ACIMA DE 100 MIL POR VARIÁVEL**



Elaborado por Tewá 225, 2024.

A primeira variável a ser analisada é a taxa de mulheres jovens de 15 a 24 anos que não estudam nem trabalham (NENT) nesses municípios. A condição de jovens que não estudam nem trabalham no Brasil continua sendo um desafio significativo, embora tenha havido avanços nos últimos anos. De acordo com o relatório *Education at a Glance 2024* (OCDE), em 2023, 24% dos brasileiros de 18 a 24 anos estavam nessa condição, uma redução em comparação aos 29,4% registrados em 2016.

Essa melhora de 5,4 pontos percentuais reflete esforços positivos, mas o registro continua acima da média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que é de 13,8%. As mulheres continuam sendo mais afetadas, apresentando taxas significativamente superiores às dos homens, devido a fatores como a sobrecarga de tarefas domésticas e cuidados familiares, que recaem desproporcionalmente sobre elas.

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

De acordo com a OXFAM (2020), no relatório *Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade*, cerca de 90% do trabalho de cuidado no Brasil é feito por famílias, e que aproximadamente 85% desse trabalho é feito predominantemente por mulheres.

Esses fatores contribuem para a saída precoce das mulheres do sistema educacional e para o adiamento da entrada no mercado de trabalho, perpetuando um ciclo de dependência econômica e vulnerabilidade social. Ainda nesse tema, **o Brasil ocupa o segundo lugar entre 37 países analisados pela OCDE em 2022, com 36% dos jovens de 18 a 24 anos na condição de NENT**. Considerando a diversidade territorial da composição dessa amostra, menos de 1% do total de municípios analisados apresentam indicadores extremamente preocupantes em relação às mulheres NENT: Cabo de Santo Agostinho (PE), São José do Ribamar (MA) e Santa Rita (PB), todos com população entre 150 mil e 250 mil habitantes e desempenho muito baixo também no indicador geral. Ao considerar os municípios classificados em laranja, que ainda exigem atenção, esse número sobe para quase um quarto do total.

Por outro lado, a maioria dos municípios (182) está dentro da normalidade, representando quase 60% do total, o que nos revela que **a baixa performance geral dos municípios no índice ODS não é dada pela falta de oportunidades para mulheres jovens**. Por fim, 17,9% (57 municípios) são classificados como tendo bons resultados, o que, como veremos a seguir, é um dos melhores resultados entre todas as variáveis do índice ODS 5.

Porém, **quando observamos o segundo indicador que compõe o Índice, qual seja, a diferença entre homens e mulheres NENT, há um aumento do total de municípios com performance “muito baixa” (26,6%)**. No caso desse indicador, nenhum município dos 319 conseguiu atingir uma nota considerada “alta”, o que indica que, em ambos os casos, apesar de NENT não ser o principal problema para os municípios atingirem uma boa performance no ranking, a desigualdade entre homens e mulheres NENT é significativa, sendo superior o número de mulheres nessas condições do que o de homens.

**O indicador de desigualdade salarial é o que reúne o maior número de municípios (102, ou 32%) com desempenho “Alto”** no conjunto sob análise. Mais da metade dos municípios (50,5%) atingiu desempenho “Médio” e apenas 15,4% e 2,2% foram classificados como “Baixo” e “Muito Baixo”, respectivamente. Isso pode significar que, por ser um assunto de maior evidência e que ganhou visibilidade nos últimos anos, os atores estão mais atentos a ele e buscando implementar soluções. A própria Lei 14.611/2023, que dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens, é, em última instância, o resultado desse processo elaborativo na sociedade brasileira.

O Índice global do ODS 5 é composto ainda por uma variável de representatividade política: a equidade entre homens e mulheres na câmara de vereadores. De acordo com o relatório *Progresso nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: O Panorama de Gênero 2024*, da ONU Mulheres, legislaturas com maior representação feminina tendem a alocar mais recursos para políticas de saúde reprodutiva, combate à violência de gênero e inclusão econômica, o que resulta em uma melhoria geral das condições de vida das mulheres.

Essa variável do índice utiliza como parâmetro a proporção de mulheres no legislativo municipal, com a expectativa de que, no mínimo, metade dos vereadores sejam mulheres. Ou seja, para atingir uma classificação de boa performance (verde), o município deveria possuir uma câmara de vereadores igualitária. Apenas Araras (SP) e Barcarena (PA) se destacam em relação a esse critério, embora Barcarena ainda seja classificada na faixa laranja (baixa).

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

Este indicador estabelece um limite mínimo de 30% de mulheres na câmara municipal. **Municípios que não alcançam essa proporção recebem pontuação zero nesse critério, o que é o caso da grande maioria das cidades analisadas: 306 municípios, ou 96% do total.**

Isso revela que, apesar dos recentes avanços eleitorais obtidos na última década, as mulheres continuam extremamente sub-representadas - mesmo entre as maiores cidades do país. Nas eleições municipais de 2024, houve um aumento de apenas 2% das candidatas eleitas para os cargos legislativos, representando 18% dos vereadores eleitos, o que podemos considerar um avanço pouco expressivo. Ou seja, alcançar a igualdade de gênero proposta pela Agenda 2030 ainda demanda avanços significativos.

O último indicador do índice global do ODS 5 examina a taxa de feminicídios nos municípios, revelando um cenário alarmante: apenas o município de Poá (SP) não teve desempenho considerado “Muito Baixo”, reforçando que a violência contra as mulheres segue como uma questão estrutural e urgente, exigindo atenção contínua e políticas públicas eficazes. No caso deste indicador, que quase sempre é subnotificado no Brasil, seu limite inferior é uma taxa de feminicídio de 3 a cada 100 mil mulheres. Ou seja, **todos os municípios com taxa de feminicídio maior do que 3 recebem pontuação 0 neste indicador, o que é o caso de 318 dos 319 (99%) municípios analisados.** Em outras palavras, tanto uma cidade com uma taxa de 3 mortes por 100 mil mulheres quanto outra com 170 são igualmente classificadas com pontuação zero.

Neste indicador, o limiar vermelho é 2. Isso quer dizer que municípios com taxa de feminicídio menor que 3 e maior que 2 receberão alguma pontuação, mas permanecerão na zona vermelha, classificados como “Muito Baixo”. Este é o caso de São Caetano do Sul (SP), que apresentou taxa de 2,2 mortes por 100 mil mulheres. A cidade, portanto, recebeu pontos no indicador de taxa de feminicídio, mas seu desempenho foi classificado como “Muito Baixo”, colocando-a na mesma faixa que cidades como Santo Antônio de Jesus (BA), que possui a taxa de feminicídio mais alta dentre os municípios com mais de 100 mil habitantes, tendo registrado 174,6 mortes por 100 mil mulheres. Essa discrepância evidencia a necessidade de análises complementares que capturem as nuances regionais e permitam a formulação de políticas mais direcionadas e eficazes.

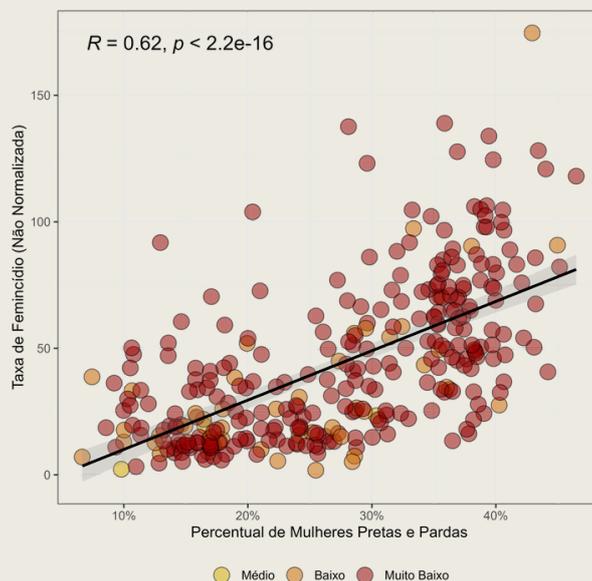
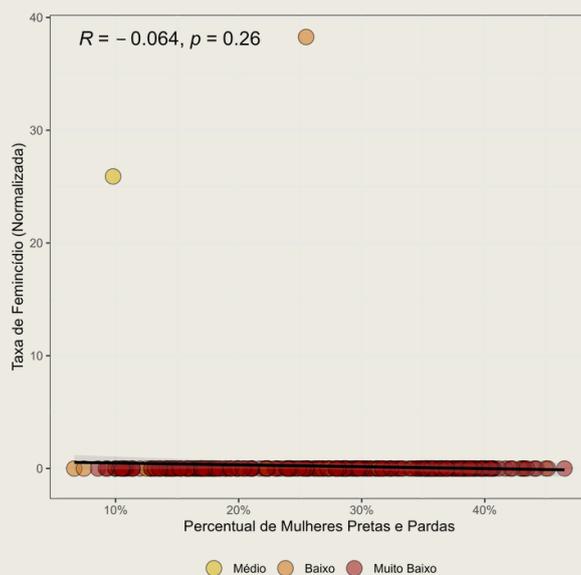
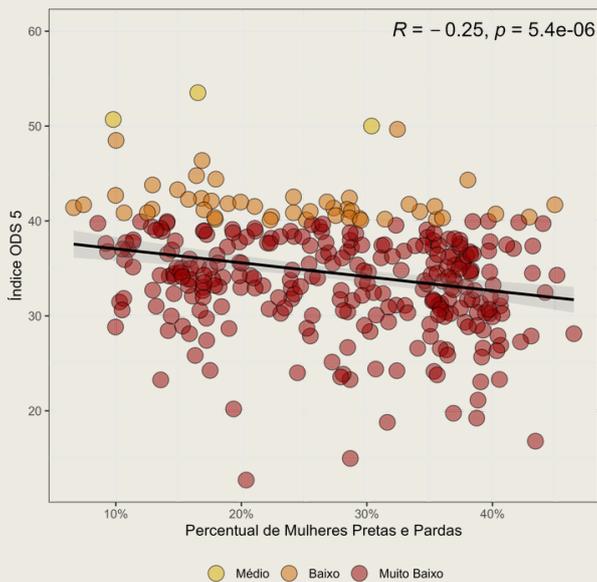
Esses números apenas reforçam o quanto a violência contra mulheres permanece uma questão estrutural e urgente, exigindo atenção contínua e políticas efetivas em todos os contextos, mas também apontam sensibilidades do índice do ODS 5 em si, que não revela, por exemplo, a nuance entre os municípios que possuem taxa de 3 mortes a cada 100 mil habitantes e aqueles que possuem 170 mortes a cada 100 mil habitantes, ficando todos com a mesma pontuação de zero no score geral.

Ao compararmos os municípios em relação à taxa de feminicídio e explorar a correlação desse indicador com a presença de mulheres pretas e pardas no território, encontramos uma alta correlação, de 0,62, indicando que esse grupo é particularmente vulnerável a eventos de feminicídio. Essa análise destaca a importância de olharmos a realidade de cada cidade em sua taxa original, para extrair informações mais precisas e relevantes.

Ao examinar individualmente os componentes do índice, identificamos que a leitura das taxas originais em comparação com as taxas normalizadas pelos parâmetros mínimos do índice, indicam novas relações significativas entre variáveis, que podem ser utilizadas para avanços na gestão municipal baseada em evidências.



## FIGURA 3 - ANÁLISE DE CORRELAÇÃO ENTRE PRESENÇA DE MULHERES PRETAS E PARDAS E ÍNDICE ODS 5, COM TAXA DE FEMINICÍDIO NORMALIZADA E ORIGINAL



Elaborado por Tewá 225, 2024.

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

A combinação de raça e gênero é um fator histórico e social que impacta de forma profunda e persistente o acesso desigual a recursos e serviços públicos no Brasil. Estudos demonstram que a desigualdade racial no Brasil tem raízes históricas que remontam à escravidão, com consequências que se perpetuam até hoje nas esferas econômica, social e política (Nascimento, 2020; Schwarcz e Starling, 2019).

Mulheres pretas e pardas, em especial, enfrentam obstáculos mais severos para acessar educação de qualidade, atendimento médico adequado e oportunidades de emprego formal. Essa exclusão histórica se traduz em uma taxa de informalidade de emprego 50% maior entre mulheres negras em comparação com mulheres brancas, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2023).

Essas desigualdades estruturais vão além das taxas de feminicídio, refletindo um sistema de exclusão que requer atenção para um desenvolvimento inclusivo nas cidades. **Essa alta correlação nos permite criar novas hipóteses de indicadores que revelem as diferenças entre as mulheres nas cidades e a possibilidade de composição de um índice de melhores cidades para mulheres, sensível à questão racial<sup>2</sup>.**

### COMO ESTÃO AS CAPITAIS BRASILEIRAS?

Embora as capitais estaduais sejam geralmente os centros mais desenvolvidos de seus estados, isso não se traduz necessariamente em melhores condições para as mulheres, de acordo com o Índice ODS 5. Brasília, conforme figura 4, se destaca como a única capital com um indicador classificado como “Médio”, alcançando 50,0 pontos. No entanto, é importante destacar que o resultado de Brasília se beneficia de uma particularidade metodológica: como a cidade não possui Câmara de Vereadores, essa variável não foi considerada no cálculo do índice para a capital federal, influenciando positivamente sua pontuação final, uma vez que a maioria das demais cidades performam mal nesta dimensão, fazendo com que percam pontos no índice final.

Brasília, com uma população estimada em 2.982.818 habitantes em 2024, representa a terceira maior cidade do Brasil, atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro, segundo o IBGE (2024). Deste total, cerca de 52% da população é composta por mulheres. A capital federal é marcada por indicadores elevados de alfabetização, com taxas que ultrapassam 98% entre as mulheres, destacando-se pela qualidade do sistema educacional e pelo acesso a oportunidades educacionais na região (IPEA, 2021). Contudo, a cidade ainda enfrenta desafios, como uma taxa elevada de desemprego entre as mulheres estimada em 11% acima da média nacional, demonstrando a necessidade de ações mais efetivas para promover a inclusão econômica feminina.

Já outras grandes capitais como Salvador (41,7), São Paulo (40,5), Belo Horizonte (40,3) e Fortaleza (40,2) obtiveram níveis considerados “Baixo”, indicando que, embora possuam certa infraestrutura e recursos se comparadas com outras cidades, ainda carecem de políticas eficazes na promoção da igualdade de gênero.

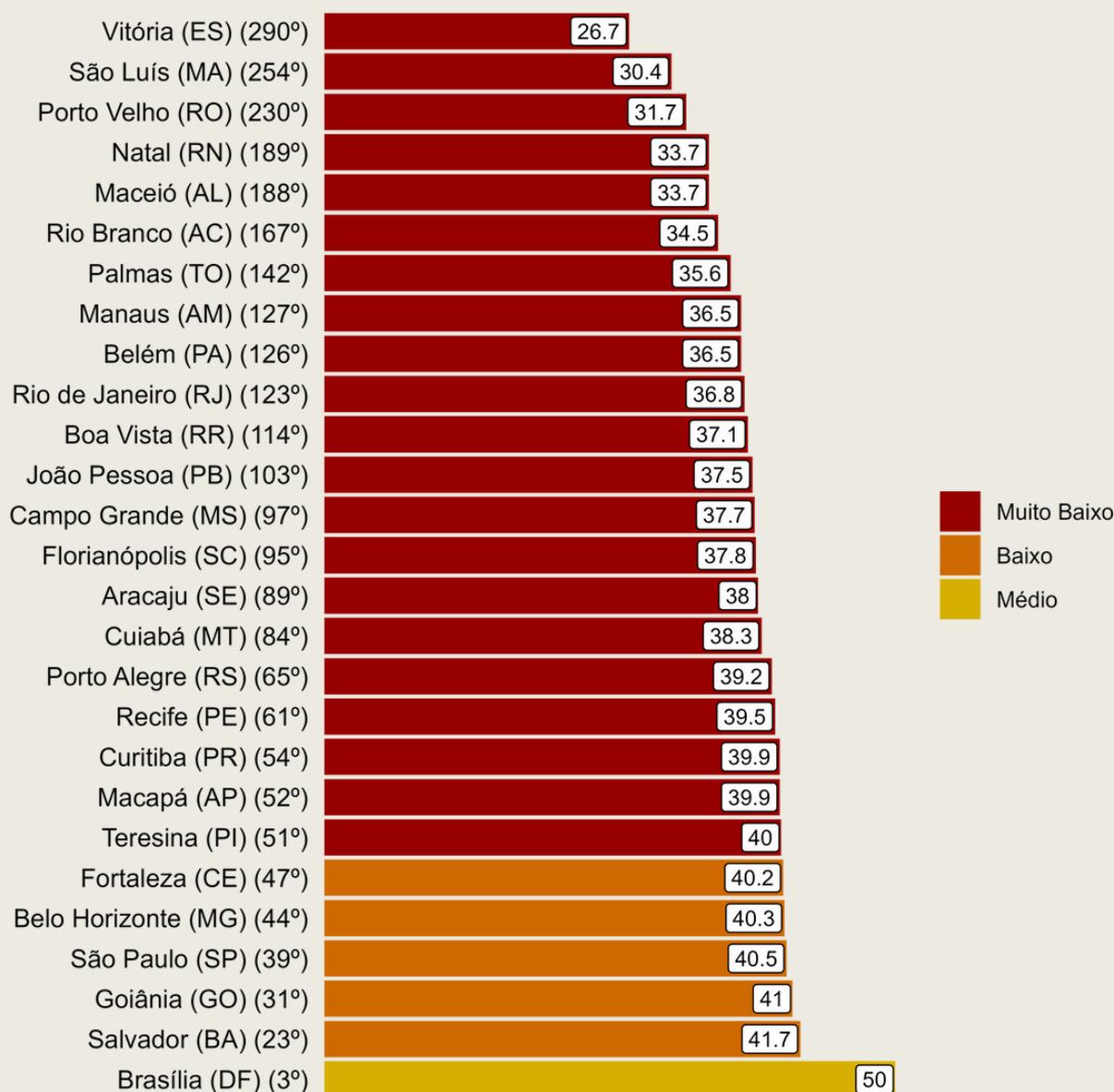
<sup>2</sup> Em novembro de 2024, o Governo Federal lançou o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 18, voltado para a igualdade étnico-racial, com o objetivo de eliminar o racismo e a discriminação contra povos indígenas e afrodescendentes. A iniciativa, de caráter voluntário e exclusivamente brasileiro, foi articulada em 2023 pelo Ministério da Igualdade Racial em parceria com outras esferas do governo e da sociedade civil. As metas preliminares incluem: eliminar a discriminação étnico-racial no trabalho, erradicar a violência contra essas populações, garantir o acesso ao Sistema de Justiça e promover memória, verdade e justiça. Os indicadores ainda estão em construção, conforme [nota técnica](#) da Câmara Temática do ODS 18. Embora faça parte do plano brasileiro para a Agenda 2030, o ODS 18 não foi oficialmente incorporado à agenda global da ONU.

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

A maior parte das capitais (77%), no entanto, está classificada no nível “Muito Baixo” de alcance da igualdade de gênero. Este dado é alarmante, pois demonstra que mesmo onde existe uma concentração significativamente maior de recursos e infraestrutura, as condições para o bem-estar das mulheres permanecem insatisfatórias. A análise regional revela que as capitais Vitória (26,7), no Sudeste, Porto Velho (31,7), no Norte, e São Luís (30,4) e Maceió (33,7), no Nordeste, estão entre as que apresentam os piores índices para as mulheres.

Vitória, a pior capital classificada no ranking de capitais, ocupa o 290º lugar no ranking geral das 319 cidades analisadas, embora localizada na região Sudeste e tradicionalmente associada a melhores indicadores socioeconômicos, destaca-se negativamente devido a disparidades regionais internas. Sua performance no ranking apresenta a classificação "muito baixo" nos indicadores de desigualdade salarial por sexo, presença de vereadoras e taxa de feminicídio. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, a capital capixaba apresentava a maior diferença salarial entre os gêneros do conjunto de capitais, com as mulheres recebendo, em média, 40% menos que os homens.

**FIGURA 4 - ANÁLISE COMPARATIVA DO ÍNDICE ODS 5 NAS CAPITALS**



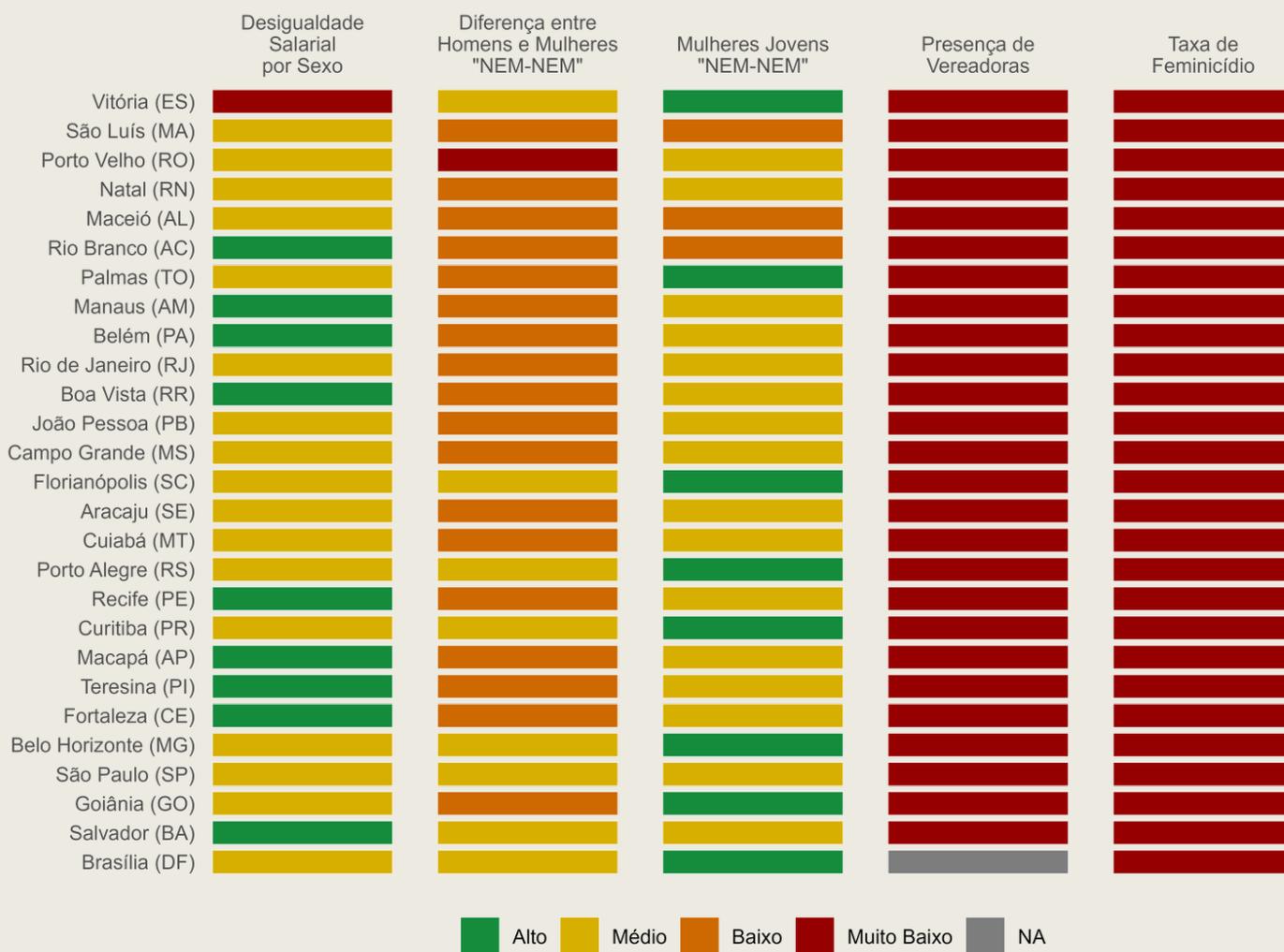
Elaborado por Tewá 225, 2024.

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

No ranking das capitais brasileiras analisadas, todas apresentaram desempenho insatisfatório em indicadores cruciais relacionados à igualdade de gênero. Nenhuma capital alcançou o parâmetro "alto" na variável que mede a diferença entre homens e mulheres na condição de jovens "nem-nem", refletindo um padrão nacional de desigualdade persistente.

Além disso, todas as capitais registraram classificações "muito baixas" nas taxas de feminicídio e na presença de mulheres em cargos legislativos municipais, como o de vereadora. Esses resultados evidenciam a urgência de políticas públicas que promovam não apenas maior participação feminina nos espaços de poder, mas também enfrentem de forma efetiva as causas estruturais das desigualdades de gênero e de violência contra as mulheres no Brasil.

**FIGURA 5 - CAPITAIS DE ACORDO COM AS POSIÇÕES NO RANKING DO ÍNDICE DO ODS 5, COM VARIÁVEIS DESAGREGADAS**



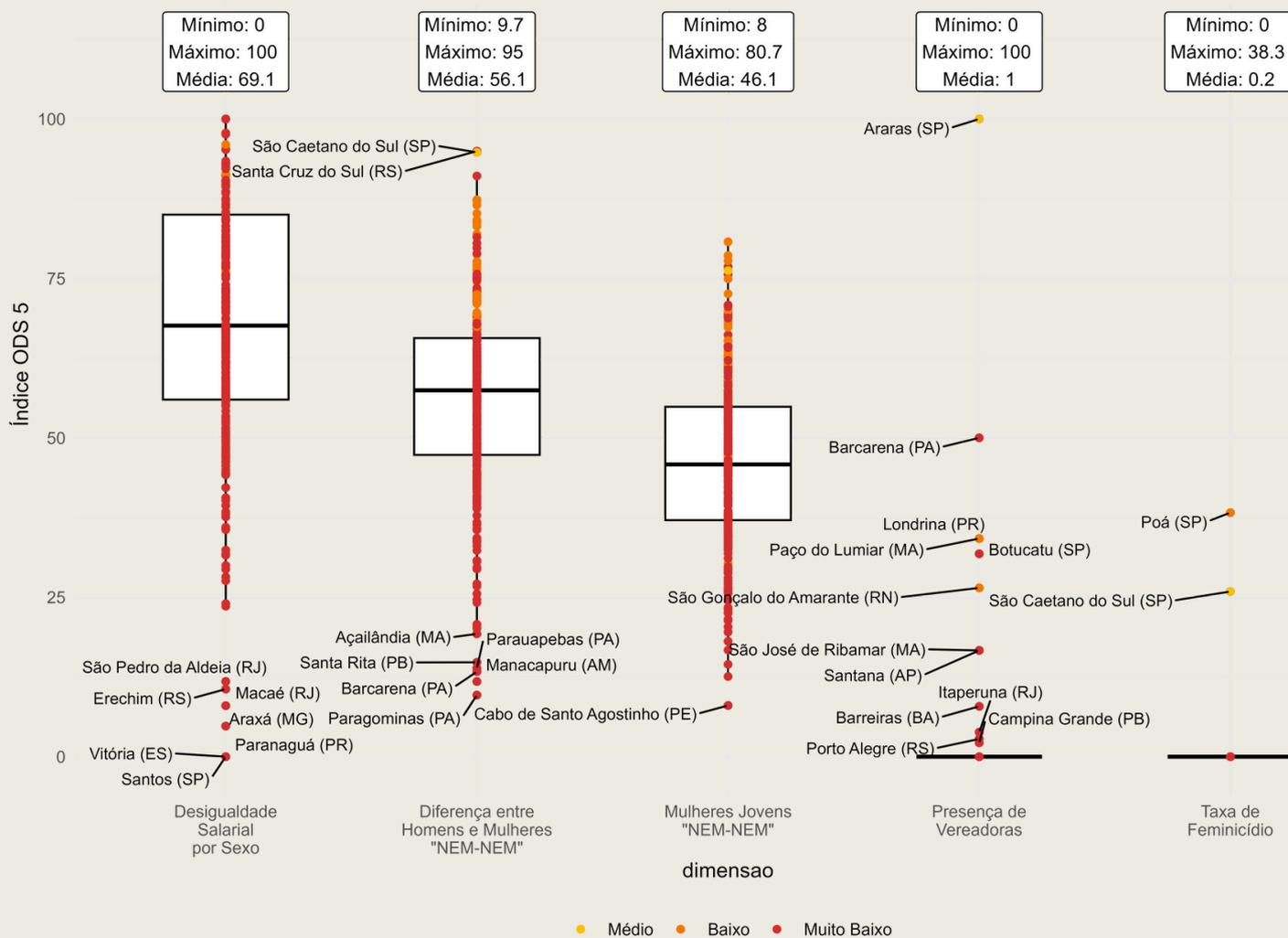
Elaborado por Tewá 225, 2024.

# AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

## COMO SÃO AS PIORES E AS MELHORES CIDADES?

Ao analisarmos os municípios com os melhores índices e os municípios com os piores, podemos identificar características comuns e diferenças que ajudam a explicar a posição dessas cidades no ranking, sintetizando as variáveis que influenciam a mobilidade dos municípios. Afinal, o que leva uma cidade a estar entre as melhores ou piores para as mulheres viverem no Brasil?

### FIGURA 6 - ANÁLISE DA POSIÇÃO DOS MUNICÍPIOS NO RANKING COM VARIÁVEIS DESAGREGADAS



Elaborado por Tewá 225, 2024.

Na figura 6, as caixas representam como os resultados estão espalhados para cada tema entre os 319 municípios. Se a caixa é maior, isso significa que os resultados dos municípios naquela dimensão variam bastante — ou seja, há muita diferença entre os municípios. Já uma caixa menor indica que os resultados estão mais parecidos entre si, mostrando pouca variação, como é o caso das variáveis mencionadas - ambas representadas por uma linha na base do gráfico, indicando pontuação zero. Os valores muito diferentes aparecem como pontos individuais e representam municípios com resultados bem diferentes do conjunto geral, para mais ou para menos. Cada ponto representa um município e sua pontuação individual.

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

Observando as informações contidas na figura 6, verificamos a diferença nas pontuações normalizadas das cinco variáveis do índice ODS 5 e encontramos uma sensibilidade: os indicadores de presença de vereadoras e taxa de feminicídio nivelam a maioria dos municípios com nota zero, apesar de haver diferenças significativas quando consideramos os números das taxas originais.

Quando 2 das 5 variáveis do índice do ODS 5 nivelam por baixo todos os municípios, isso nos mostra que, para a construção de um índice que revele quais cidades são melhores ou piores para ser mulher, são necessárias nuances que reflitam as diferentes realidades dos territórios de forma mais comparável. Observando os grupos a partir de parâmetros comuns (clusters) podemos criar uma análise mais justa das realidades locais.

Quando observamos os 10 melhores municípios ranqueados, a predominância está em cidades das regiões Sudeste (50%) e Sul (30%), com destaque para o estado de São Paulo, que concentra 3 cidades no topo do ranking: Araras, São Caetano do Sul e Birigui. Na região Sul, o estado de Santa Catarina também se destaca com Brusque e Balneário Camboriú. As exceções notáveis são Sobral (CE), no Nordeste, e Brasília (DF), no Centro-Oeste. Brasília é, inclusive, a única capital presente na lista dos 10 melhores.

Essas cidades apresentam melhores condições de qualidade de vida para as mulheres, reforçando a importância do desenvolvimento urbano, econômico e social para promover a equidade. **A distribuição regional indica que 80% das cidades com as melhores condições para as mulheres estão no eixo Sul-Sudeste**, o que reafirma a regionalidade como fator determinante na qualidade de vida feminina.

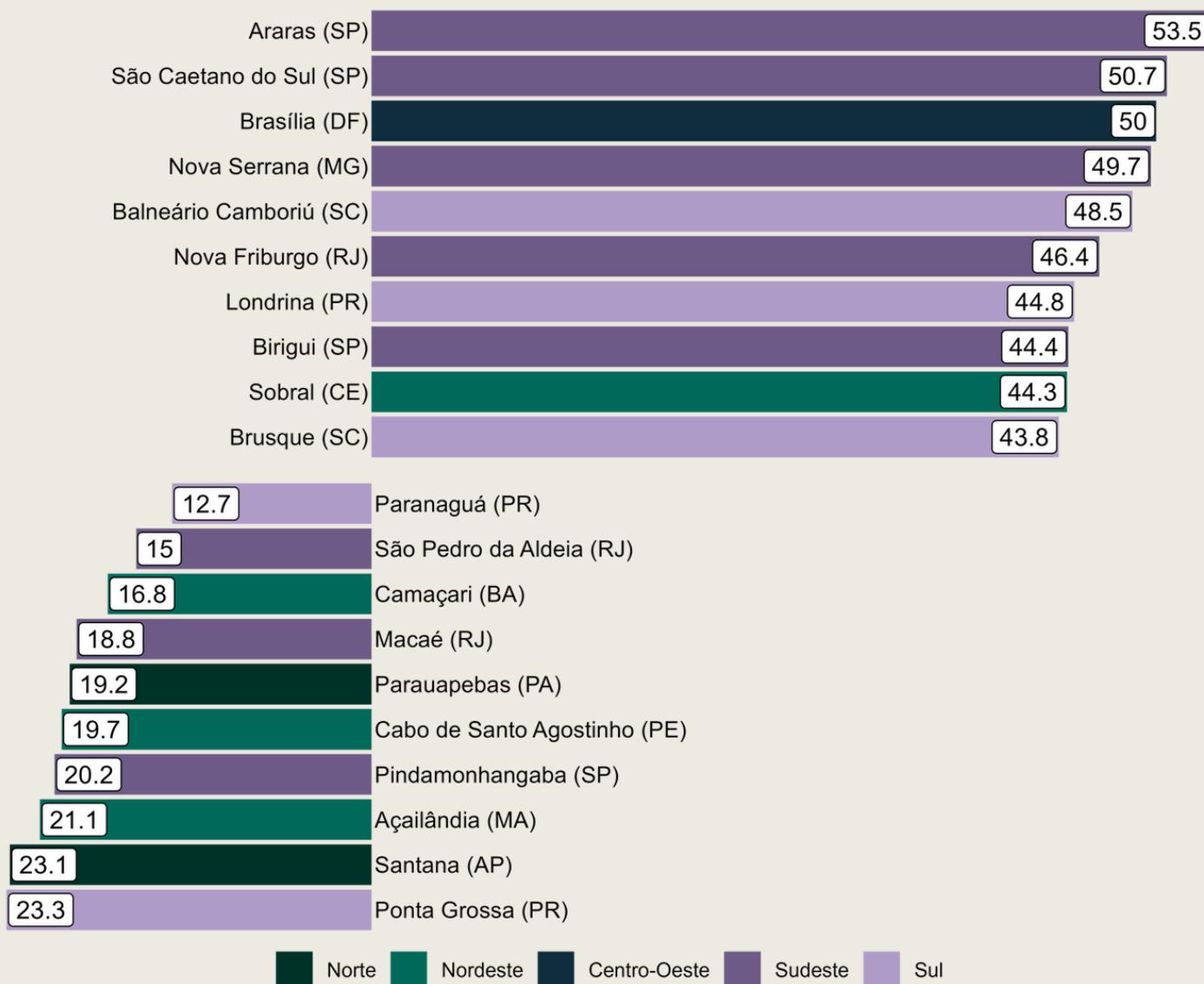
Na outra ponta, nos 10 piores municípios classificados no ranking, Paranaguá (PR) se destaca negativamente como a cidade com a pior pontuação geral. Conhecida por abrigar o maior porto graneleiro do Brasil, a economia local é amplamente dependente das atividades portuárias e do setor agrícola, que historicamente apresentam baixa participação feminina em cargos estratégicos e operacionais. O Relatório Nacional sobre Desigualdades de Gênero (IPEA, 2023) aponta que a participação feminina em funções de liderança no setor agropecuário é inferior a 10%.

Outras cidades que compõem os 10 piores incluem São Pedro da Aldeia (RJ) e Macaé (RJ), ambas no estado do Rio de Janeiro. São Pedro da Aldeia possui uma significativa dependência do setor de serviços e comércio, que comumente são setores que oferecem empregos de baixa remuneração para mulheres, e carece de infraestrutura básica e políticas públicas inclusivas. Já Macaé, conhecida como a "capital do petróleo", enfrenta uma forte concentração de oportunidades de trabalho no setor offshore, majoritariamente masculino, e, conforme demonstra o ranking, enfrenta desafios relacionados à violência contra mulheres e à baixa inclusão de mulheres no mercado de trabalho.

Além disso, cidades como Parauapebas (PA) e Açailândia (MA), na região Norte, apresentam economias focadas na mineração e na agropecuária, com baixos indicadores de emprego e inclusão feminina. No Nordeste, Cabo de Santo Agostinho (PE) e Camaçari (BA) também se destacam negativamente no ranking, enfrentando dificuldades ligadas à baixa representatividade política das mulheres e às baixas taxas de inclusão de mulheres no mercado de trabalho. **Entre as 10 piores, metade das cidades está no eixo Norte-Nordeste (50%) e a outra metade no Sul-Sudeste (50%).** Por fim, é importante notar que, **entre as piores cidades, todas as regiões do Brasil estão representadas**, com exceção do Centro-Oeste, indicando desafios generalizados na promoção da igualdade de gênero.

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

FIGURA 7 - MUNICÍPIOS COM 10 MELHORES E 10 PIORES POSIÇÕES NO RANKING DO ÍNDICE DO ODS 5, POR REGIÃO



Elaborado por Tewá 225, 2024.

Quando olhamos quais as variáveis mais relevantes no estudo para impulsionar uma cidade para o topo ou para o final do ranking, é possível perceber que, por exemplo, o desempenho dos indicadores econômicos (desigualdade salarial e diferença entre homens e mulheres NENT) foi crucial para o posicionamento dos municípios.

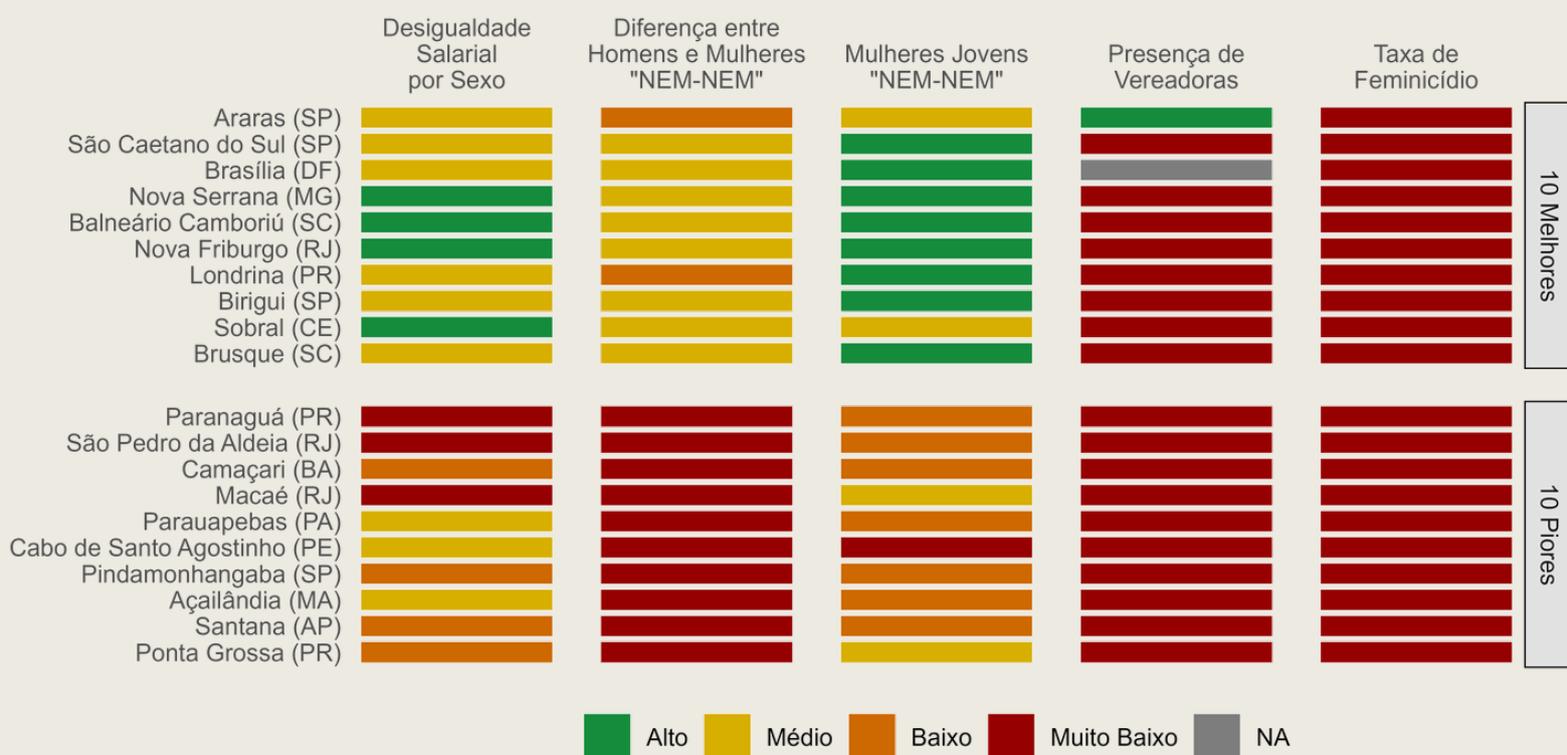
Conforme a figura 8, enquanto o conjunto dos 10 melhores pontuados encontra-se com uma variação entre “Médio” e “Baixo” para a diferença entre homens e mulheres NENT, o conjunto dos 10 pior pontuados classificou 100% como “Muito Baixo”. No que tange a desigualdade salarial, 40% dos melhores classificou sua nota como “Alta” e o restante como “Médio”, indicando uma performance satisfatória no geral e levando-os ao grupo dos melhores municípios. Já entre o conjunto dos 10 piores, há uma inversão, sendo apenas 30% classificados como “Médio” e os demais como “Baixo” ou “Muito Baixo”, evidenciando que essa variável mobilizou o conjunto para o topo dos piores.

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

Na variável do número de mulheres jovens NENT encontramos a melhor performance dos 10 melhor classificados, sendo 80% classificados como “Alto” e 20% como “Médio”, o que fica mais uma vez invertido na amostra dos 10 piores municípios, sendo apenas 20% performando como “Médio” e os demais “Baixo” ou “Muito baixo” para este indicador.

Para cidades como Nova Friburgo (RJ), Balneário Camboriú (SC) e Brasília (DF), a variável de mulheres NENT e a desigualdade salarial foram fatores que, correlacionados, levaram o conjunto para os melhores, indicando que provavelmente oferecem mais oportunidades educacionais e de emprego para mulheres jovens, o que contribui para a autonomia econômica e a qualidade de vida feminina.

**FIGURA 8 - MUNICÍPIOS COM 10 MELHORES E 10 PIORES POSIÇÕES NO RANKING DO ÍNDICE DO ODS 5, COM VARIÁVEIS DESAGREGADAS**

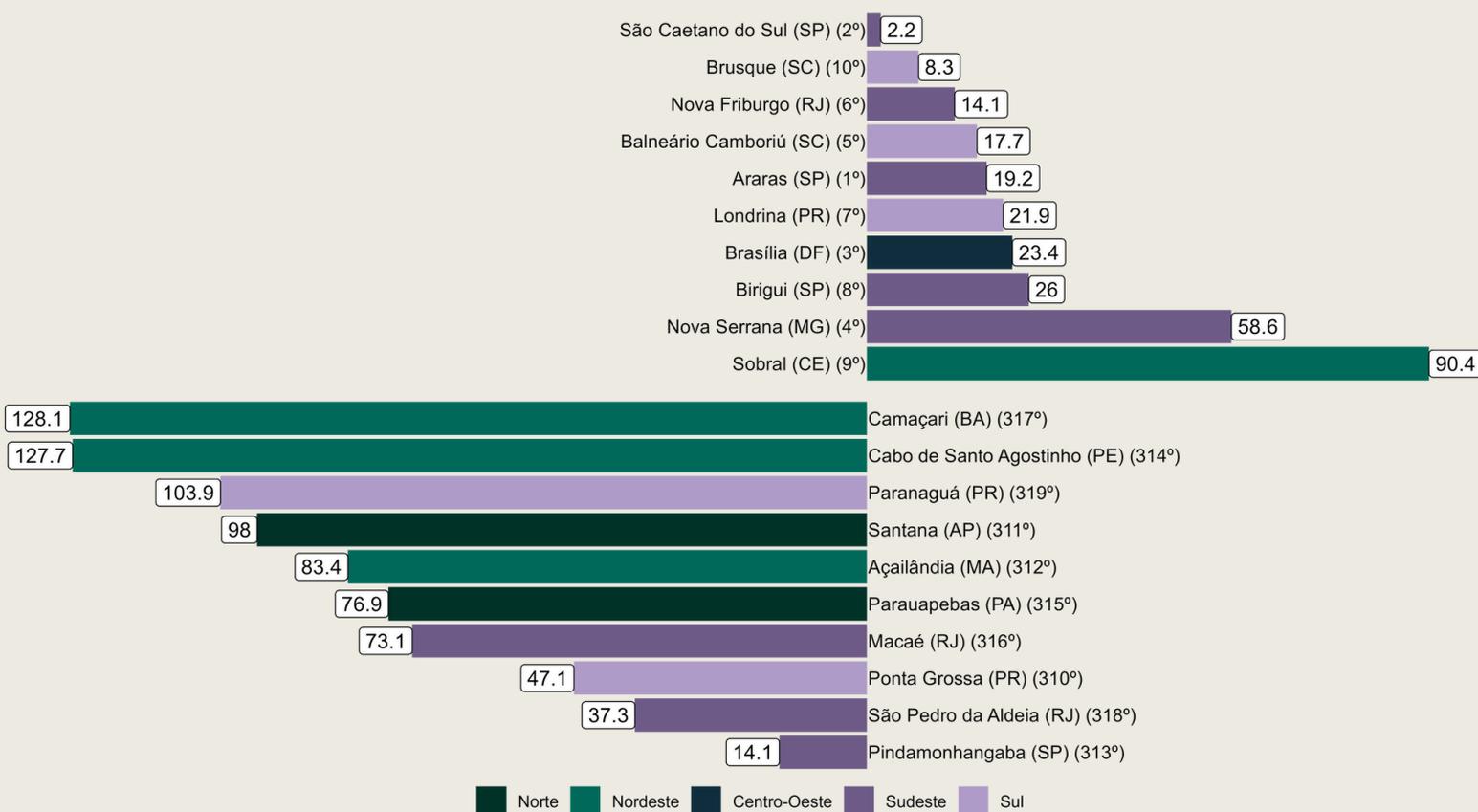


Elaborado por Tewá 225, 2024.

Ao observarmos as taxas de feminicídio normalizadas pela figura 8 dos 10 piores e melhores municípios do ranking, vemos que todos, inclusive os melhores, performam com notas consideradas “Muito baixa”, o que novamente destaca o grave cenário nacional que vivemos, com registros acima de 3 casos para cada 100 mil mulheres, refletindo a ausência de redes de proteção eficazes e de políticas de enfrentamento à violência de gênero.

Todavia, quando olhamos as taxas de feminicídio originais (não normalizadas), é possível evidenciar um contraste significativo entre os municípios com 10 melhores e 10 piores posições no ranking do Índice do ODS 5. **A média da taxa de feminicídio entre as 10 melhores é de 28,2 casos para cada 100 mil habitantes, enquanto entre as 10 piores é de 78,9, ou seja, quase três vezes mais alta.** Estes dados nos permitem considerar que a vida das mulheres corre menos risco nas cidades melhor classificadas, corroborando com a leitura de que elas seriam melhores para se viver.

## FIGURA 9 - MUNICÍPIOS COM 10 MELHORES E 10 PIORES POSIÇÕES NO RANKING DO ÍNDICE DO ODS 5 DISTRIBUÍDOS PELA TAXA DE FEMINICÍDIO NÃO NORMALIZADA

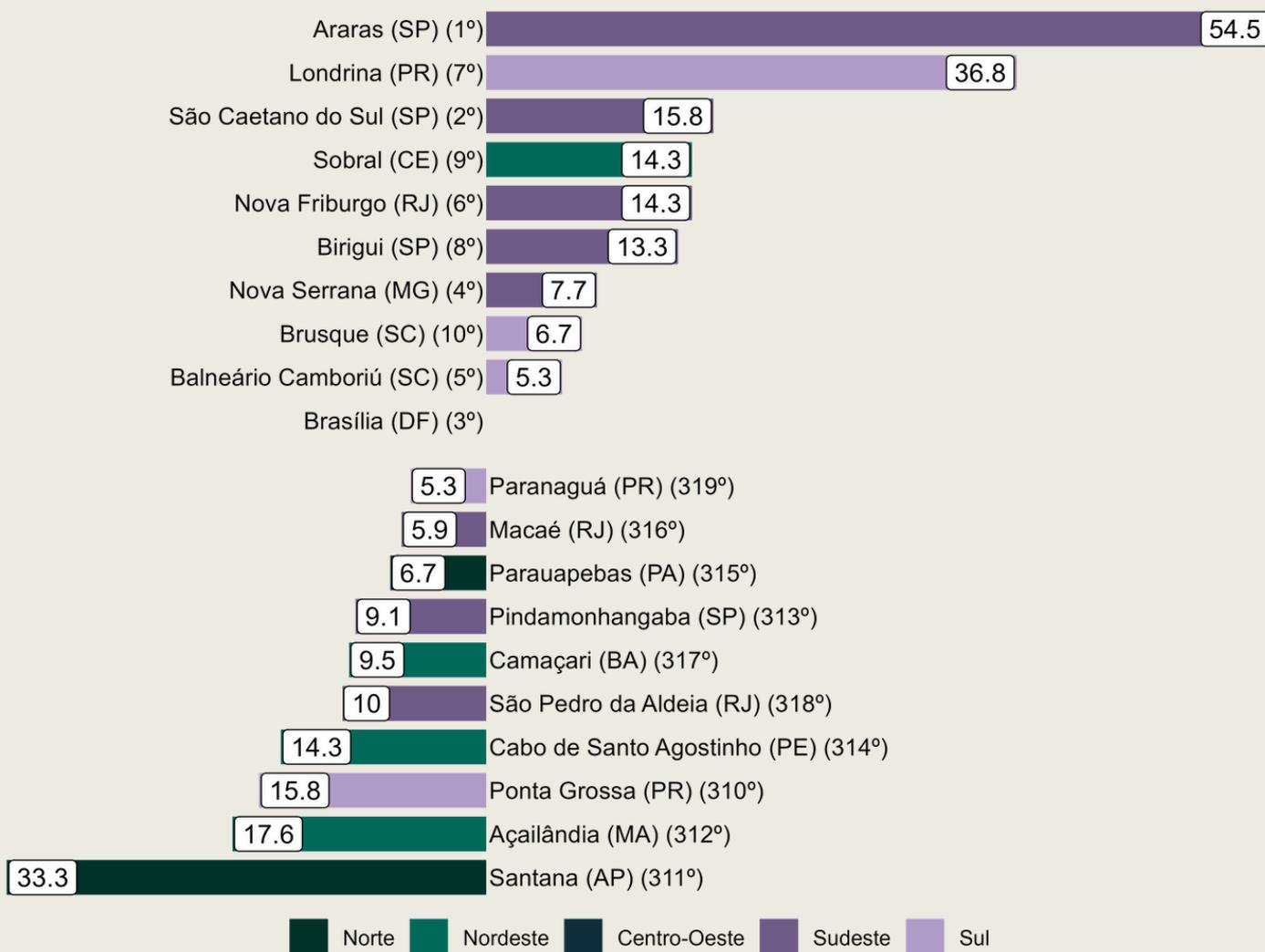


Elaborado por Tewá 225, 2024.

Já em relação à paridade de gênero na Câmara dos Vereadores no ciclo legislativo 2020-2024, Araras (SP) obteve destaque. Apesar de pontuar seus indicadores econômicos como “Médio” ou “Baixo”, a cidade paulista foi a única que apresentou paridade de gênero no ciclo legislativo 2020-2024, ou seja, mais do que 50% de vereadoras mulheres eleitas. Se o índice levasse em conta apenas os indicadores relacionados à economia, Araras (SP) cairia para a 190ª posição.

Por outro lado, tanto municípios presentes entre os 10 melhor classificados, quanto entre os 10 pior classificados apresentam indicadores de representatividade feminina no legislativo muito abaixo do ideal paritário. Frequentemente inferior a 15%, o percentual de mulheres na câmara pode ser de fato um atraso para o atingimento da igualdade de gênero nos territórios, pois a ausência de representação feminina no legislativo impacta diretamente a formulação de políticas em áreas cruciais, como segurança, saúde e trabalho, perpetuando desigualdades de gênero.

## FIGURA 10 - PERCENTUAL DE VEREADORAS NAS CÂMARAS MUNICIPAIS DAS 10 MELHORES E 10 PIORES POSIÇÕES NO RANKING DO ÍNDICE DO ODS 5



\*Brasília (DF) não possui Câmara Municipal. Por isso, não recebe pontuação na dimensão "Presença de Vereadoras".

Elaborado por Tewá 225, 2024.

## INDO ALÉM DAS VARIÁVEIS DO ÍNDICE ODS 5

Ainda na busca por compreender quais territórios são melhores para a vida das mulheres, a figura 11 reflete como o índice do ODS 5 se comporta nos diferentes biomas brasileiros. Dos cinco biomas analisados, vemos que a Caatinga tem a melhor performance, com seu conjunto de cidades que performam com índice “muito baixo” inferior a 80%, e Cerrado, Pampa e Mata Atlântica com seu conjunto de cidades que performam como “muito baixo”, abaixo dos 90%. Mesmo com melhores performances comparadas, trata-se de indicadores preocupantes para a igualdade de gênero.

**A situação do bioma amazônico apresenta um cenário mais crítico e profundamente preocupante: quase 97% dos municípios analisados dessa região registram indicadores de qualidade de vida muito baixos.** Esse dado revela um padrão estrutural de desigualdade que impacta diretamente as mulheres, dificultando seu acesso à saúde, educação e oportunidades econômicas. Às vésperas da COP 30 em Belém, onde a Amazônia será o centro das atenções globais, é fundamental destacar que a região enfrenta não apenas desafios ambientais, mas também sociais e de gênero.

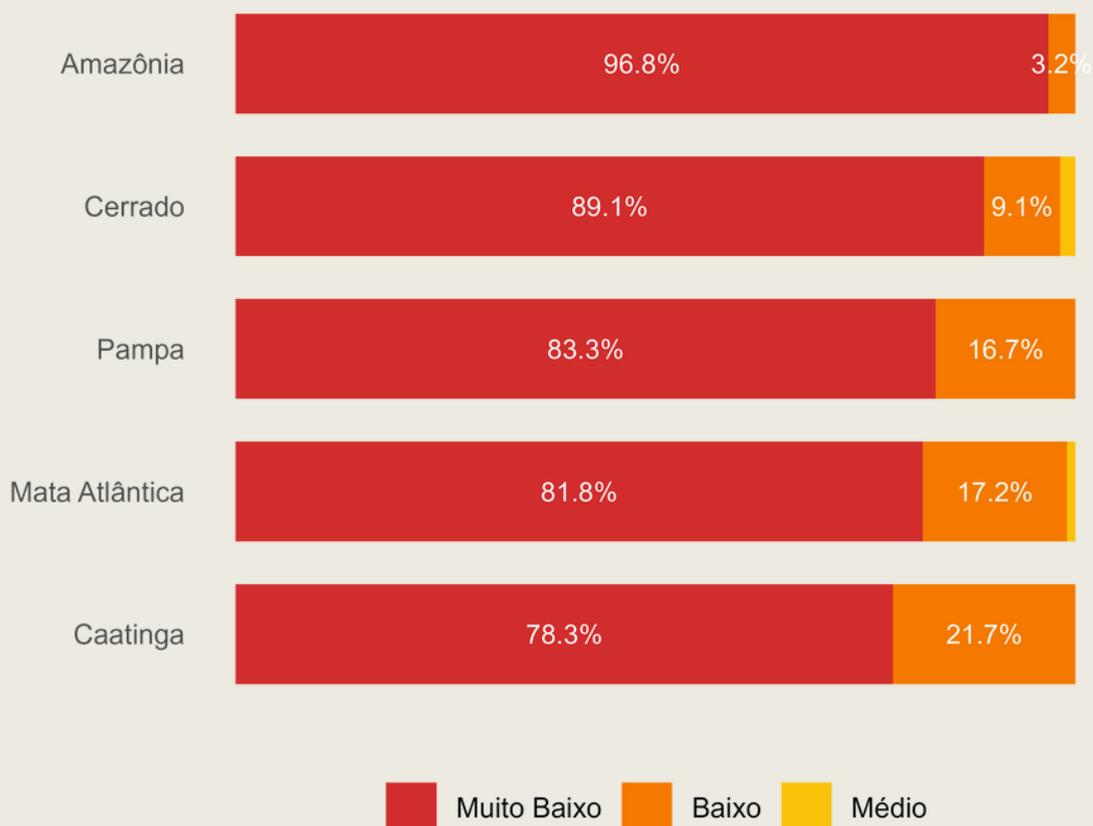
## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

Estudos apontam que a ausência de políticas públicas voltadas para a equidade de gênero na Amazônia agrava significativamente as condições de vulnerabilidade das mulheres, especialmente de grupos sociais específicos, como indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Segundo o relatório *Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios Brasileiros* (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2015), essas mulheres enfrentam barreiras estruturais relacionadas ao acesso à educação formal, saúde de qualidade, saneamento básico e oportunidades de emprego. Além disso, muitas delas vivem em territórios isolados ou sem regularização fundiária, o que compromete o acesso a políticas de assistência social e econômica. Essa exclusão perpetua ciclos de pobreza e aumenta os riscos de violência doméstica e de gênero, que, conforme o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021), têm taxas alarmantes em áreas da Amazônia Legal.

A situação se agrava ainda mais pelo fato de essas populações estarem historicamente à margem das decisões políticas e econômicas que impactam diretamente seus territórios e vidas. Por exemplo, o *Conflitos no Campo Brasil* (2022), publicado pela Comissão Pastoral da Terra, destaca que a falta de representatividade dessas mulheres em conselhos deliberativos e políticas públicas agrava a desigualdade, uma vez que suas demandas não são incluídas no planejamento de programas sociais ou de desenvolvimento. Sem mecanismos que promovam a inclusão de mulheres nesses espaços, as condições de vulnerabilidade tendem a se perpetuar, impossibilitando alcançar justiça social e igualdade na região.

Este momento oferece uma oportunidade ímpar para abordar essas questões com a seriedade e urgência que demandam. A COP 30 precisa ir além das discussões ambientais e integrar a dimensão social e de gênero ao debate, reconhecendo que não há sustentabilidade sem a inclusão de todas as populações amazônicas. Fortalecer políticas que promovam a igualdade de gênero e o empoderamento feminino na região é essencial para transformar a Amazônia em um espaço de justiça social e ambiental.

**FIGURA 11 - ANÁLISE COMPARATIVA DO ÍNDICE DO ODS 5 POR BIOMAS**



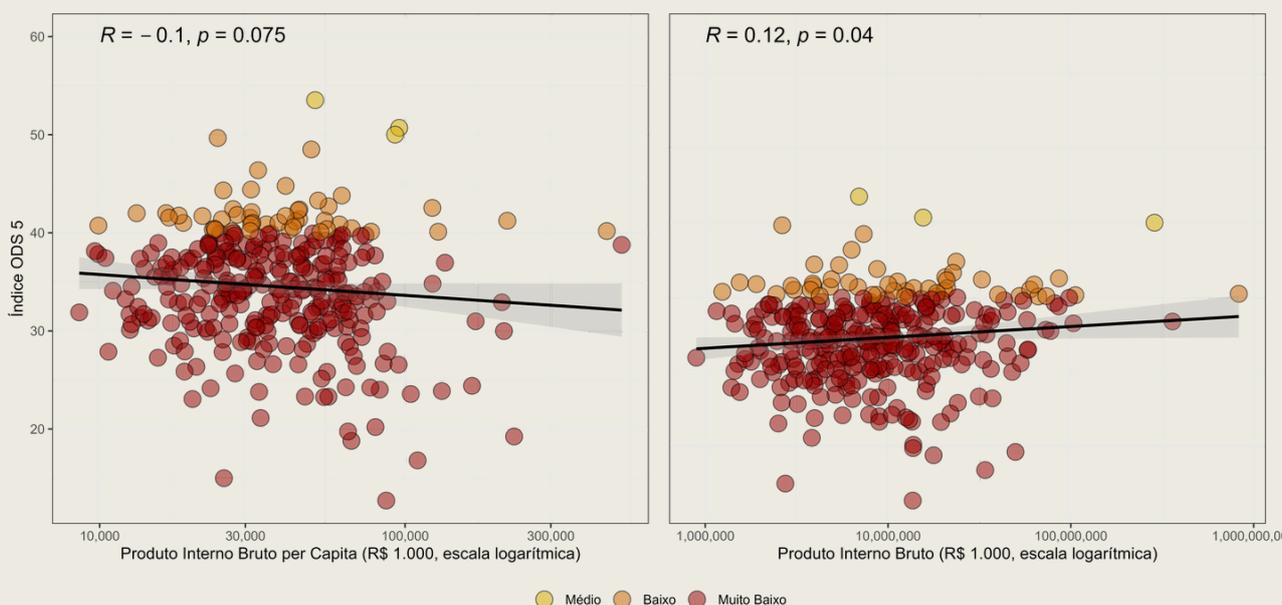
Elaborado por Tewá 225, 2024.

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

O aspecto econômico também é um tema extremamente relevante para compreendermos o que melhora ou piora a vida das mulheres nas cidades. Por isso, analisamos a correlação entre indicadores econômicos (PIB e PIB per capita) e o desempenho dos municípios brasileiros no Índice ODS 5. Na figura 12, as cores dos pontos refletem a posição dos municípios no índice: vermelho para os piores indicadores e verde para os melhores.

A linha preta representa a tendência geral: **municípios com maior PIB e PIB per capita têm, em média, pontuações um pouco mais altas no índice. No entanto, a correlação é fraca, indicando que uma economia forte nem sempre se traduz em melhores condições de igualdade de gênero.**

**FIGURA 12 - CORRELAÇÃO ENTRE PIB PER CAPITA E PIB E O ÍNDICE ODS 5**



Elaborado por Tewá 225, 2024.

A baixa ou ausente correlação entre variáveis econômicas como PIB e PIB per capita se mantém mesmo quando observamos os 5 indicadores que compõem o índice de maneira desagregada, tanto seus valores originais quanto normalizados. A figura 13 mostra os resultados dos testes de correlação para os diversos pares de variáveis econômicas e indicadores do ODS 5.

Os destaques são para a variável **PIB per capita, que não apresentou correlação com o índice ODS 5**. Em relação à desigualdade salarial, observamos uma relação fraca e negativa com PIB per capita, mas ausência de correlação significativa com PIB. Esse contraste reflete a diferença entre as duas métricas. O PIB per capita mede a renda média por pessoa e, por isso, está mais diretamente relacionado às condições econômicas dos indivíduos.

Um PIB per capita mais alto pode indicar melhor distribuição de riqueza e maior acesso a oportunidades. Já o PIB total apenas reflete o tamanho global da economia, sem considerar como a riqueza está distribuída, o que pode explicar a falta de relação com a desigualdade salarial. Por isso, **ao pensarmos em desenvolvimento econômico para redução da desigualdade salarial entre homens e mulheres, é preciso atenção especialmente para como a riqueza é distribuída.**

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

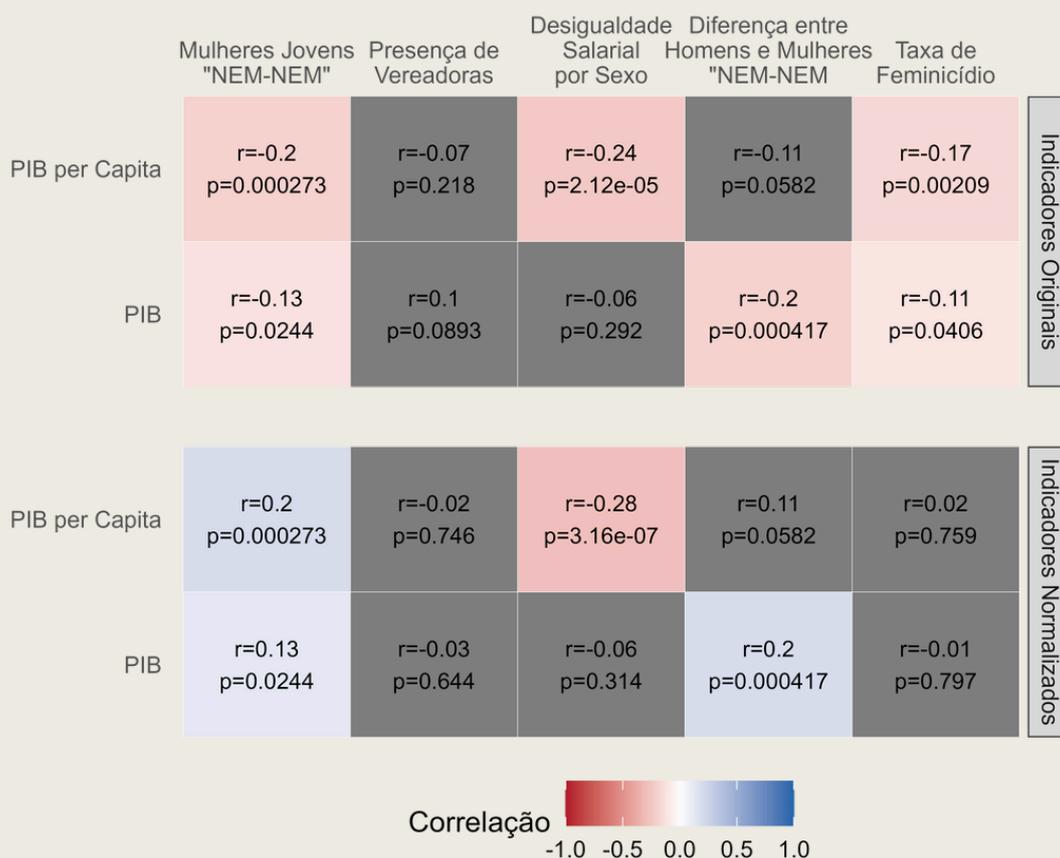
Com relação aos dois indicadores sobre presença de mulheres que nem estudam, nem trabalham, encontramos correlações ainda mais fracas. Por fim, na comparação entre PIB e taxa de feminicídio, o uso dos indicadores originais revelou uma fraca, porém significativa correlação, **indicando que maior desenvolvimento econômico possui efeito positivo fraco, porém não desprezível, sobre a redução do feminicídio.**

O fato das correlações serem fracas com o PIB, tanto nos indicadores originais quanto nos normalizados, mantém a interpretação apresentada mais acima, de que nem sempre uma economia forte se traduz em redução das desigualdades. Estudos corroboram essa conclusão. De acordo com o relatório *World Economic Forum - Global Gender Gap Report (2022)*, países com alto PIB per capita, como os Estados Unidos, ainda apresentam disparidades significativas no índice de igualdade de gênero, evidenciando que o crescimento econômico não garante, por si só, avanços na equidade.

No Brasil, dados do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)* mostram que, mesmo em estados com economias relativamente fortes, como São Paulo e Rio de Janeiro, as mulheres recebem, em média, apenas 77% do salário dos homens para funções semelhantes (PNAD Contínua, 2021).

O maior efeito que encontramos indica que uma melhor distribuição da riqueza ajuda a reduzir a desigualdade salarial por sexo. Isso é confirmado pelo estudo do *United Nations Development Programme (UNDP) (2020)*, que aponta que países com menores índices de concentração de renda, como a Suécia, apresentam também menores diferenças salariais entre homens e mulheres, com uma disparidade média de apenas 4%. Por outro lado, em países com alta desigualdade de renda, como o Brasil, a diferença salarial pode ultrapassar 23%.

**FIGURA 13 - CORRELAÇÃO ENTRE PIB PER CAPITA E PIB E AS VARIÁVEIS DESAGREGADAS DO ÍNDICE ODS 5, NORMALIZADAS E ORIGINAIS**



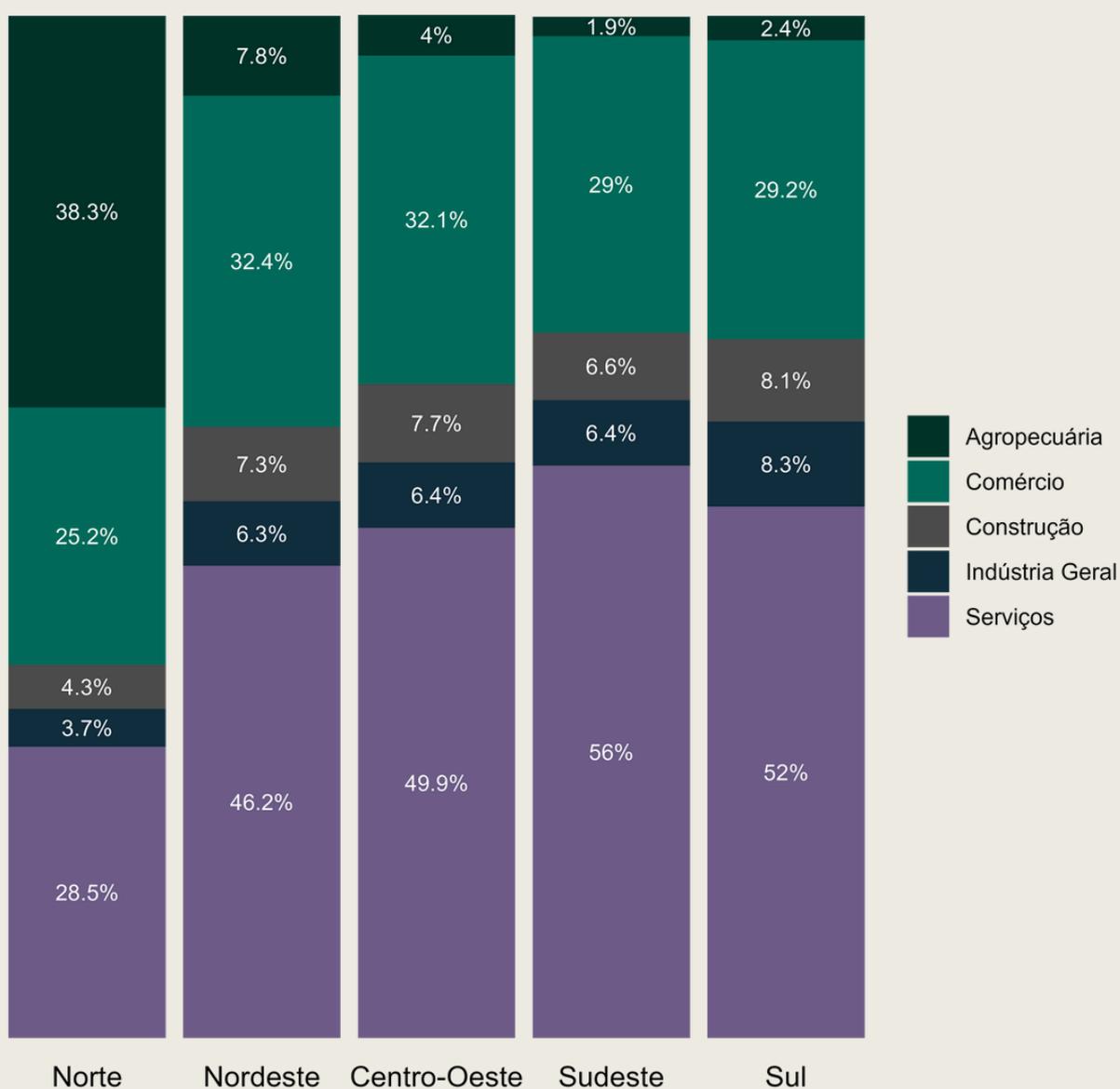
Elaborado por Tewá 225, 2024.

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

A diversidade econômica das cidades analisadas diz também sobre as dinâmicas de trabalho para homens e mulheres em cada localidade. Conforme a figura 14, observamos que a agropecuária é a atividade mais presente nos municípios da Região Norte estudados (38,3%). Nas demais regiões, a agropecuária aparece de forma mais marginal, como a última atividade relevante.

A predominância da agropecuária na região Norte reflete seu perfil rural e com abundância de terras. **Essa forte presença do agronegócio tem implicações diretas para as mulheres.** Em regiões onde o agro é predominante, as oportunidades de emprego para mulheres são mais limitadas e tendem a ser em atividades de menor remuneração e maior informalidade, como colheita, processamento agrícola e funções de apoio, como a venda de produtos em mercados locais. No entanto, essas atividades raramente proporcionam benefícios trabalhistas, como licença-maternidade ou seguro-desemprego, o que aumenta a vulnerabilidade socioeconômica das trabalhadoras (IBGE, 2023; IPEA, 2022).

**FIGURA 14 - GRUPOS DE ATIVIDADES ECONÔMICAS DOS MUNICÍPIOS POR REGIÃO**



Elaborado por Tewá 225, 2024.

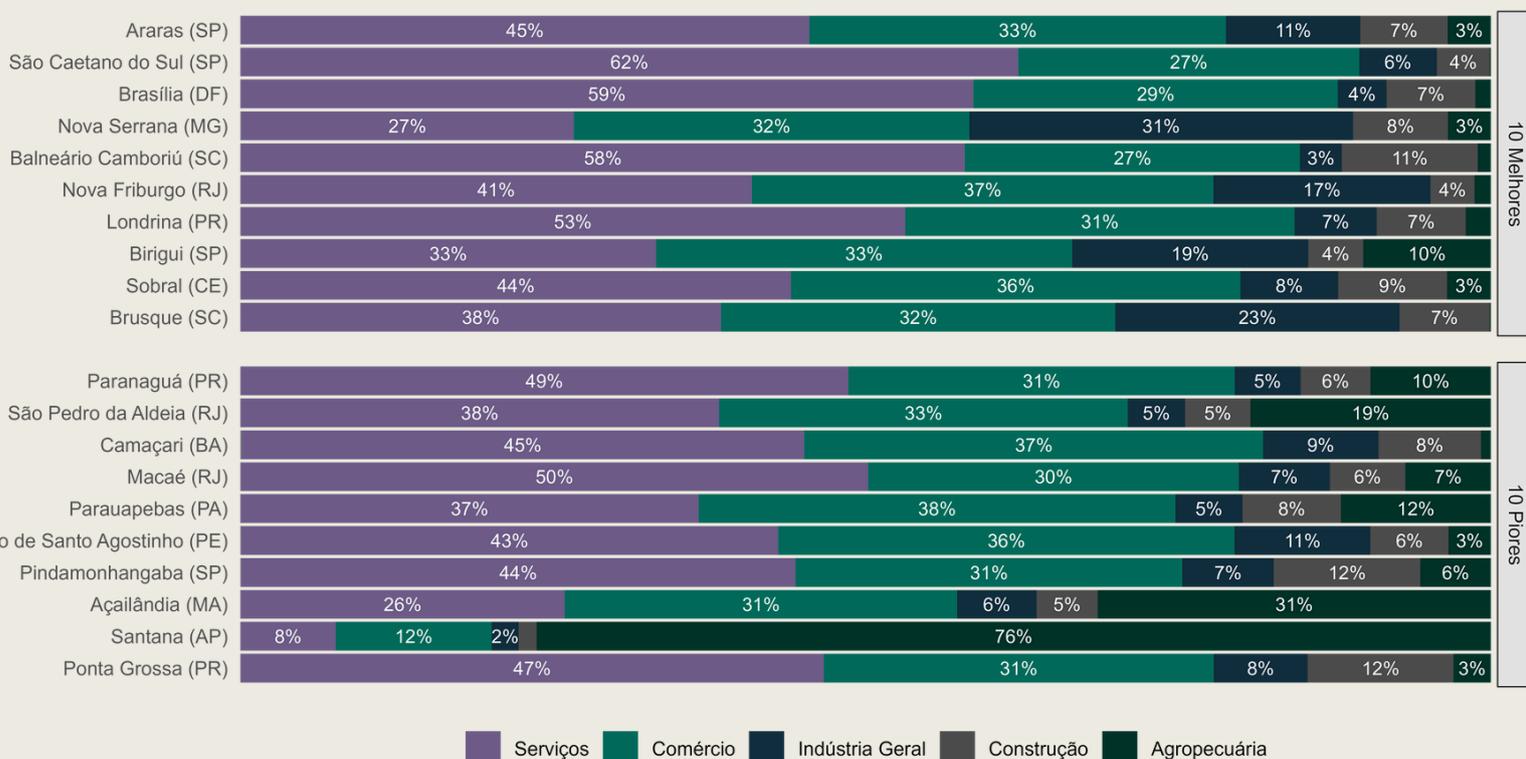
## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

Estudos qualitativos indicam que a presença dominante do agronegócio impacta a mobilidade social das mulheres nessas regiões, especialmente em termos de acesso à educação e capacitação. As mulheres no setor agrícola têm menos acesso a treinamento técnico e gerencial, o que limita suas oportunidades de ascensão econômica e profissional. Além disso, a jornada dupla – trabalho no campo e tarefas domésticas – afeta negativamente a qualidade de vida e o desenvolvimento pessoal das mulheres, perpetuando ciclos de pobreza e desigualdade de gênero (OIT, 2023).

A empregabilidade feminina no setor agrícola também é mais baixa em comparação a outros setores econômicos, com taxas de participação que variam entre 12% e 20%, dependendo da região, enquanto os homens ocupam a maioria das funções formais e mais bem remuneradas. Por exemplo, na Região Norte, onde o agro possui maior relevância, a participação feminina no setor formal é uma das mais baixas do país, ficando abaixo de 15%, refletindo a desigualdade no acesso às oportunidades de trabalho de qualidade (IPEA, 2022; IBGE, 2023).

Em contrapartida, nas regiões onde o setor de serviços é predominante, como em cidades do litoral e próximas a centros urbanos, há um cenário mais inclusivo para as mulheres, com maior oferta de emprego e empreendedorismo feminino, seguido pelo setor de comércio (IPEA, 2023). Por fim, o setor de serviços representa uma parcela significativa das atividades econômicas, chegando a valores próximos ou superiores à metade da realidade local. A única exceção é a Região Norte, onde o setor de serviços corresponde a pouco menos de um terço (29%). Isso se reflete especialmente na análise econômica dos 10 melhores e piores municípios, conforme figura abaixo.

**FIGURA 15 - COMPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS DAS CIDADES COM MELHORES E PIORES POSIÇÕES NO RANKING**



Elaborado por Tewá 225, 2024.

## AS PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL

Nos municípios com pior classificação no índice, como Paranaguá (PR) e São Pedro da Aldeia (RJ), o setor de serviços e atividades específicas predominam na economia local. Em Paranaguá, as atividades portuárias são a principal força econômica, gerando aproximadamente 44.257 empregos e representando cerca de 14% das empresas instaladas na cidade (Agência Porto, 2023).

No entanto, essas oportunidades são majoritariamente ocupadas por homens, com as mulheres representando apenas 35,3% dos trabalhadores formais e recebendo, em média, uma remuneração inferior à dos homens, o que agrava a desigualdade de gênero no mercado de trabalho (Datampe, SEBRAE, 2023).

Já em São Pedro da Aldeia, o setor de serviços é predominante, contribuindo com 51,1% do PIB municipal, destacando-se áreas como turismo e comércio local (Caravela, 2023). Contudo, a participação feminina permanece limitada, especialmente em cargos de liderança, onde há uma significativa disparidade salarial entre homens e mulheres.

Entre os dez municípios mais bem classificados, Araras (SP) destaca-se com uma pontuação de 53,2. Esse grupo de municípios mais bem posicionados inclui regiões do Sul e Sudeste, onde predomina uma economia diversificada, especialmente no setor de serviços e comércio. Por exemplo, São Caetano do Sul (SP) e Brasília (DF) possuem mais de 60% de suas economias voltadas para o setor de serviços e comércio, oferecendo empregos formais com maior estabilidade para mulheres e promovendo políticas de incentivo ao empreendedorismo (IBGE, 2023; OCDE, 2022).

**Essa comparação nos permite admitir que é possível que os setores econômicos estejam influenciando também as cidades que são melhores ou piores para ser mulher no Brasil, uma vez que a presença do agronegócio se fez evidente especialmente entre os municípios com piores pontuações.**

Em suma, a análise evidencia que os municípios com economias diversificadas e infraestrutura de apoio à inclusão feminina, como políticas públicas de gênero, proteção social e oportunidades de qualificação profissional, se destacam no índice ODS 5. Por outro lado, os municípios que mantêm uma estrutura econômica tradicional, com predominância de setores de baixa inclusão, como a agropecuária e a indústria, registram piores indicadores de igualdade de gênero. Esses fatores, somados à falta de políticas de incentivo e à limitada diversificação econômica, reforçam a necessidade de iniciativas que considerem a inclusão de gênero como um pilar estratégico para o desenvolvimento regional.



# RESULTADOS DO ESTUDO

## RESULTADOS DO ESTUDO

### RESULTADO DA ANÁLISE GERAL DAS CIDADES

Cerca de **85% dos 319 municípios analisados estão performando de maneira “Muito baixa” para promover a igualdade de gênero para mulheres.** Em um primeiro momento, a análise regional dos resultados revela pequenas disparidades entre as regiões. As regiões Sul e Sudeste apresentaram médias mais altas no índice ODS 5, com 36,4 e 34,8 pontos, respectivamente. Essas regiões se destacam pela maior concentração de municípios com melhores resultados, como Araras (SP) e São Caetano do Sul (SP).

Não muito distante, as regiões Nordeste e Norte tiveram médias em torno de 33,7 e 31,4, reforçando a necessidade de intervenções mais eficazes para promover a igualdade de gênero. A desigualdade regional surge quando observamos as pontas do ranking, onde 80% dos 10 municípios melhor classificados são do eixo Sul-Sudeste e 50% dos municípios dos 10 piores municípios para mulheres são do eixo Norte-Nordeste.

O estudo também revela que economias fortes nem sempre distribuem sua riqueza igualmente, evidenciando que há uma correlação fraca, porém presente, da pontuação dos municípios no ranking e o PIB per capita. Também é relevante a análise comparada das atividades econômicas dos municípios com melhores ou piores notas, sendo mais significativa a presença do agronegócio nas cidades com piores pontuações. Por fim, um dado importante é que entre as cidades amazônicas, 97% pontuam com uma igualdade de gênero “Muito baixa”, revelando um cenário preocupante para as mulheres que ali residem e exigindo atenção voltadas para a formulação de políticas públicas de gênero.

### DESEMPENHO DAS CAPITALS

**O desempenho das capitais brasileiras em relação ao ODS 5 revela uma situação desafiadora: a maioria das capitais apresenta índices de igualdade de gênero classificados como “Baixo” ou “Muito Baixo”.** Mesmo em contextos urbanos mais desenvolvidos, onde se espera maior suporte estrutural, as barreiras para alcançar a igualdade de gênero permanecem significativas. Entre as capitais analisadas, apenas Brasília alcança um indicador “médio”, com 50 pontos, situando-se entre as 10 melhores cidades para as mulheres no ranking. São Paulo, com um índice de 40,4, também figura entre as 20 melhores, embora ainda enfrente grandes desafios para o desenvolvimento e a segurança das mulheres. As demais capitais apresentam indicadores que variam entre “baixo” e “muito baixo”, refletindo problemas estruturais ainda não superados.

As capitais do Norte e Nordeste, em especial, revelam os desempenhos mais críticos. Porto Velho, por exemplo, ocupa a última posição entre as capitais dessas regiões, com um índice de 31,7 pontos, classificada como “Muito Baixa” no ranking de igualdade de gênero. Capitais do Norte, como Macapá, Rio Branco e Belém, também figuram entre as piores para as mulheres, com Maceió e Natal, ambas com um índice de 33,7, no Nordeste, registrando o pior desempenho da região.

## RESULTADOS DO ESTUDO

Também foi observado que capitais comumente associadas a uma boa qualidade de vida, como Florianópolis (37,8) e Curitiba (39,9), não conseguem atingir indicadores médios de igualdade de gênero. Esse fato evidencia que o desenvolvimento econômico e a infraestrutura avançada dessas cidades não se traduzem, necessariamente, em avanços para a população feminina.

Vitória, por sua vez, destaca-se negativamente, ocupando o último lugar entre as capitais no ranking de igualdade de gênero, com um índice de 26,7. Outras capitais, como Salvador (41,7), Goiânia (41), Campo Grande (40,3) e Fortaleza (40,2), destacam-se entre as 10 melhores capitais no ranking de igualdade de gênero, apesar de estarem fora do eixo Sul-Sudeste; no entanto, todas essas cidades ainda apresentam indicadores classificados como "Baixo," apontando para desafios persistentes na promoção de condições equitativas para as mulheres.

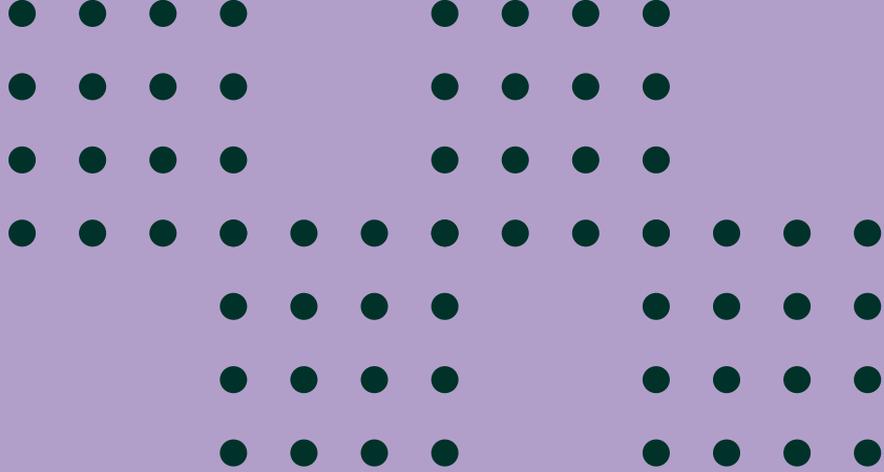
### A NECESSIDADE DE UM ÍNDICE ESPECÍFICO SOBRE A VIDA DAS MULHERES NAS CIDADES BRASILEIRAS

A partir dos dados do Índice do ODS 5, o presente estudo evidenciou múltiplas possibilidades de realizar análises e extrair insights sobre a realidade das cidades brasileiras. **Este tipo de leitura de dados ressalta a importância de decomposição de índices, ou seja, de analisar cada um de seus indicadores e componentes, realizando testes e cruzamentos com outras variáveis relevantes, a fim de aprofundar o entendimento sobre o que leva uma cidade a estar melhor ou pior posicionada em um índice.**

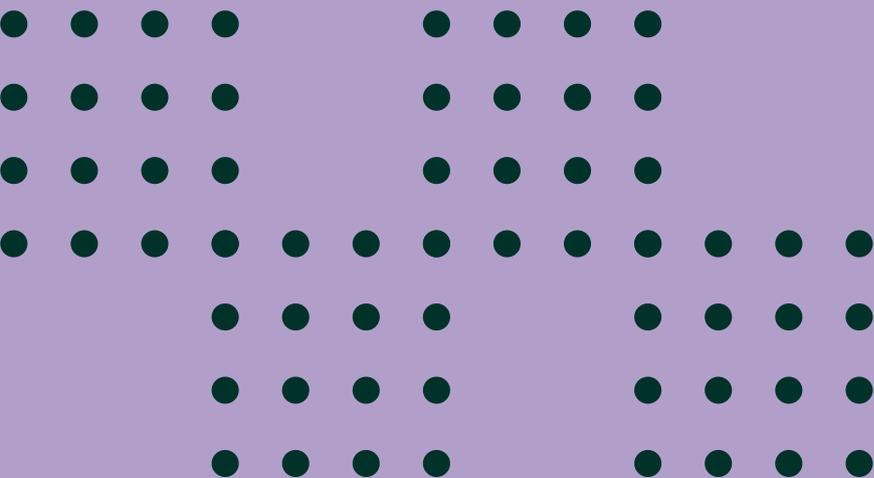
Neste sentido, ao integrar os dados com outras fontes de informações quantitativas e qualitativas, como relatórios técnicos, estudos acadêmicos e outras bases de dados públicas, o estudo é capaz de traduzir os números do Índice em contexto sobre as cidades.

A escolha do IDSC-BR por uma estratégia de normalização que leva em conta as próprias metas dos ODS faz todo sentido em termos programáticos e da finalidade do Índice, ou seja, evidenciar as cidades que cumprem ou não cumprem as metas.

**No entanto, para o intuito de analisar a vida das mulheres nas cidades brasileiras, outras dimensões precisam ser incorporadas, como a saúde da mulher, educação, direitos reprodutivos, vulnerabilidade às mudanças do clima, acesso à moradia e mobilidade urbana, entre outras.** Além disso, a aplicação de estratégias metodológicas como a criação de ponderações ou clusterização dos municípios por porte, região ou biomas pode oferecer resultados mais sensíveis e precisos.



# CONCLUSÕES



## CONCLUSÕES

O estudo do ranking das cidades brasileiras para as mulheres revelou um panorama preocupante: **nenhum município está bem posicionado se o objetivo é ter cidades com igualdade de gênero para as mulheres.** A análise demonstra que há um longo caminho a ser percorrido para que as cidades brasileiras possam oferecer condições dignas para as mulheres viverem de forma segura e plena.

Do ponto de vista mais amplo, fatores como região geográfica, bioma e condições econômicas são importantes na pontuação dessas cidades. Regiões com maior desenvolvimento econômico tendem a oferecer melhores condições, mas essa relação nem sempre se traduz em igualdade de gênero, uma vez que a distribuição da riqueza importa, destacando a necessidade de políticas específicas para mulheres em todo o território nacional.

A análise das extremidades do ranking também oferece análises importantes. Os municípios mais bem colocados mostram que, embora tenham avançado em algumas áreas, continuam longe de alcançarem patamares ideais para a igualdade de gênero na sua pontuação, mas possuem alguns diferenciais significativos como representatividade política, presença de Conselho da Mulher ou políticas de gênero mais consolidadas.

O uso do Índice ODS 5 como ponto de partida para a avaliação de quais cidades seriam melhores ou piores para as mulheres viverem mostrou-se possível, mas não inclui aspectos cruciais à vida da mulher, como acesso a direitos fundamentais (como saúde, direitos reprodutivos e educação), maternidade e vulnerabilidade a riscos climáticos.

**A inclusão de variáveis que deem conta desses outros fatores críticos é essencial para a criação de um índice mais abrangente e sensível às complexidades das condições de vida das mulheres nas cidades brasileiras, inclusive as desigualdades raciais.**

Com apenas seis anos restantes para a conclusão da Agenda 2030, as cidades se mostram muito despreparadas para o enfrentamento da desigualdade de gênero. O último Relatório Voluntário Local - RVL dos ODS destaca que as nove metas do ODS 5 estão estagnadas ou em retrocesso, revelando um cenário de enormes desafios. Nesse contexto, é urgente uma ação pública que priorize melhorias nas condições das cidades para as mulheres.

Diante da recente definição do pleito eleitoral para o cargo de prefeita e prefeito nos municípios brasileiros e da necessidade urgente de implementar, ampliar e avaliar os serviços, políticas públicas e, sobretudo, a qualidade de vida das mulheres nas cidades, surge a demanda por dados mais robustos e organizados que permitam ao gestor visualizar como esses temas estão sendo tratados e evoluindo na sua cidade.

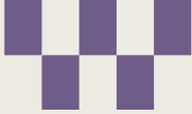
# ***BIBLIOGRAFIA***





## BIBLIOGRAFIA

1. Agência Porto. *Relatório de atividades portuárias 2023*. Disponível em: <https://www.agenciaporto.pr.gov.br>.
2. Banco Mundial. *Mulheres, Empresas e o Direito 2024*. Disponível em: [https://wbl.worldbank.org/content/dam/sites/wbl/documents/2024/WBL2024\\_Portuguese\\_Summary\\_Final.pdf](https://wbl.worldbank.org/content/dam/sites/wbl/documents/2024/WBL2024_Portuguese_Summary_Final.pdf).
3. Banco Mundial (2020). *Women in Politics: Enhancing Gender Equality in Governance*. Disponível em: <https://www.worldbank.org>
4. Caderno da Marcha das Margaridas. *Vulnerabilidades das Mulheres Ribeirinhas e Rurais no Brasil, 2023*. Disponível em: [mundocritico.org](http://mundocritico.org)
5. Caravela. *Dados econômicos e sociais de São Pedro da Aldeia (RJ)*. Disponível em: <https://www.caravela.info/sao-pedro-da-aldeia>.
6. Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais. CEMADEN: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. - *Relatório sobre riscos de desastres naturais no Brasil*. Disponível em <https://www.cemaden.gov.br>.
7. Comissão Pastoral da Terra (CPT). *Conflitos no Campo Brasil 2022*. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo>.
8. Comissão Pastoral da Terra (2022). *Relatório de Direitos Humanos na Amazônia*. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br>
9. Equal Measures 2030 – *SDG Gender Index – 2022*. 2022. Disponível em: [equalmeasures2030.org](http://equalmeasures2030.org).
10. Estatísticas de Gênero – *Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil - 2021*. Organizado pelo IBGE. Disponível em: [ibge.gov.br](http://ibge.gov.br).
11. Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br>
12. Fundação Tide Setúbal. *Orçamentos Sensíveis a Gênero e Raça*. São Paulo: Fundação Tide Setubal, 2023. Disponível em: <https://fundacaotidesetubal.org.br/publicacoes/orcamentos-sensiveis-a-genero-e-raca>.
13. Instituto Alziras (2022). *Retrato da Representação Feminina na Política Municipal*. Disponível em: <https://www.alziras.com.br>
14. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Dados sobre o Produto Interno Bruto dos municípios. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>
15. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Dados sobre a população feminina no Brasil*. 2023. Disponível em: [educa.ibge.gov.br](http://educa.ibge.gov.br)
16. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
17. Instituto Cidades Sustentáveis. *IDSC-BR 2024 - Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades – Brasil*. Disponível em: [idsc.cidadessustentaveis.org.br](http://idsc.cidadessustentaveis.org.br)
18. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). *Relatório Nacional sobre Desigualdades de Gênero*. Brasília: IPEA, 2023.
19. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). *Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios Brasileiros*. Brasília: IPEA, 2015. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4381/1/Atlas\\_da\\_vulnerabilidade\\_social\\_nos\\_municipios\\_brasileiros.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4381/1/Atlas_da_vulnerabilidade_social_nos_municipios_brasileiros.pdf).

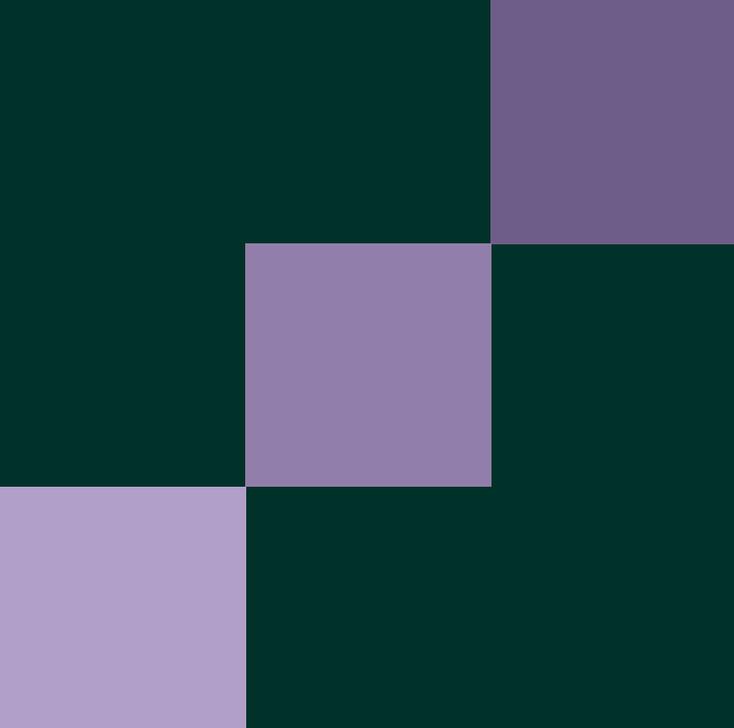


20. Institute for Women's Policy Research (IWPR). Status of Women in the States - 2023. 2023. Disponível em: <https://statusofwomendata.org>.
21. Instituto Georgetown para as Mulheres, Paz e Segurança (GIWPS) e Centro PRIO sobre Gênero, Paz e Segurança. Women, Peace and Security Index (WPS) - 2023/2024. 2023. Disponível em: <https://giwps.georgetown.edu>.
22. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). Atlas da Violência 2023. Publicado em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2023. Disponível em: [Serviços e Informações do Brasil](#).
23. OCDE (2024), Education at a Glance 2024: OECD Indicators, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/c00cad36-en>
24. OCDE. Relatório de Indicadores Econômicos e de Inclusão Social 2022. Paris: OCDE, 2022. Disponível em: <https://www.oecd.org>.
25. OCDE. Revisão de Gênero nas Políticas Públicas, 2022. Disponível em: [oecd.org](https://www.oecd.org).
26. OIT. Perspectivas de Gênero no Mercado de Trabalho Brasileiro, 2023. Disponível em: [ilo.org](https://www.ilo.org).
27. OIT. Relatório sobre gênero e trabalho decente. Genebra: OIT, 2021. Disponível em: <https://www.ilo.org>.
28. OXFAM. Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. Reino Unido, 2020. ISBN 978-1-78748-541-9.
29. SANTOS, Ana Paula dos; SILVA, José Marcos da. Desigualdades Raciais no Espaço Urbano. ResearchGate, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/343494770\\_DESIGUALDADES\\_RACIAIS\\_NO\\_ESPACO\\_URBANO/fulltext/5f2cc6c092851cd302e4f8cb/DESIGUALDADES-RACIAIS-NO-ESPACO-URBANO.pdf](https://www.researchgate.net/publication/343494770_DESIGUALDADES_RACIAIS_NO_ESPACO_URBANO/fulltext/5f2cc6c092851cd302e4f8cb/DESIGUALDADES-RACIAIS-NO-ESPACO-URBANO.pdf).
30. SEBRAE. Datampe: Base de dados sobre mercado e empregos no Brasil. Brasília: SEBRAE, 2023. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>.
31. UN Women. Progress on the Sustainable Development Goals: The Gender Snapshot 2023. Disponível em: [unwomen.org](https://www.unwomen.org).
32. UNDP (2020). Gender Inequality Index. United Nations Development Programme. Disponível em: <https://hdr.undp.org>
33. World Economic Forum (2022). Global Gender Gap Report. Disponível em: <https://www.weforum.org>



### ANEXO 1 - TABELA COM AS VARIÁVEIS UTILIZADAS NO ESTUDO:

EIXO	FONTE	VARIÁVEIS	PERÍODO
ODS	<u>Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades</u>	<p>Mulheres jovens de 15 a 24 anos de idade que não estudam nem trabalham (%) (IBGE/Censo Demográfico 2010)</p> <p>Presença de vereadoras na Câmara Municipal (%) (TSE)</p> <p>Desigualdade de salário por sexo (Razão) (RAIS/MTE 2024)</p> <p>Diferença percentual entre jovens mulheres e homens que não estudam e nem trabalham (Pontos percentuais) (IBGE/Censo Demográfico 2010)</p> <p>Taxa de feminicídio (100 mil mulheres) (DataSUS/SIM 2024)</p>	2024
Geográficos	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)	<p>Bioma Predominante no Município</p> <p>População por Raça e Gênero</p>	<p>2024</p> <p>2022</p>
Financeiros	<p>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)</p> <p>Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0)</p>	<p>Produto Interno Bruto</p> <p>Atividade econômica predominante do município</p>	<p>2021</p> <p>2022</p>



*ANEXO*

# **PIORES CIDADES PARA SER MULHER NO BRASIL**

*(ACIMA DE 100 MIL/HAB)*



<b>POSIÇÃO</b>	<b>MUNICÍPIO</b>	<b>SCORE</b>	<b>NÍVEL</b>	<b>POSIÇÃO</b>	<b>MUNICÍPIO</b>	<b>SCORE</b>	<b>NÍVEL</b>
1	Paranaguá (PR)	12,70	Muito baixo	28	Linhares (ES)	26,58	Muito baixo
2	São Pedro da Aldeia (RJ)	14,98	Muito baixo	29	Paragominas (PA)	26,61	Muito baixo
3	Camaçari (BA)	16,79	Muito baixo	30	Vitória (ES)	26,67	Muito baixo
4	Macaé (RJ)	18,78	Muito baixo	31	Ilhéus (BA)	26,90	Muito baixo
5	Parauapebas (PA)	19,23	Muito baixo	32	Manacapuru (AM)	27,26	Muito baixo
6	Cabo de Santo Agostinho (PE)	19,74	Muito baixo	33	Jacareí (SP)	27,41	Muito baixo
7	Pindamonhangaba (SP)	20,19	Muito baixo	34	Arapiraca (AL)	27,84	Muito baixo
8	Açailândia (MA)	21,12	Muito baixo	35	Bragança (PA)	27,87	Muito baixo
9	Santana (AP)	23,05	Muito baixo	36	Catalão (GO)	27,88	Muito baixo
10	Ponta Grossa (PR)	23,25	Muito baixo	37	Marituba (PA)	27,90	Muito baixo
11	Rio das Ostras (RJ)	23,28	Muito baixo	38	Simões Filho (BA)	28,12	Muito baixo
12	Marabá (PA)	23,30	Muito baixo	39	Ourinhos (SP)	28,13	Muito baixo
13	Três Lagoas (MS)	23,56	Muito baixo	40	Rio Verde (GO)	28,34	Muito baixo
14	Paulo Afonso (BA)	23,78	Muito baixo	41	Tatuí (SP)	28,44	Muito baixo
15	Sorriso (MT)	23,86	Muito baixo	42	Teixeira de Freitas (BA)	28,49	Muito baixo
16	Araxá (MG)	24,00	Muito baixo	43	Barretos (SP)	28,67	Muito baixo
17	Itaboraí (RJ)	24,15	Muito baixo	44	Ituiutaba (MG)	28,69	Muito baixo
18	Itaguaí (RJ)	24,22	Muito baixo	45	Erechim (RS)	28,83	Muito baixo
19	Guaratinguetá (SP)	24,25	Muito baixo	46	Igarassu (PE)	28,84	Muito baixo
20	Cubatão (SP)	24,40	Muito baixo	47	Votorantim (SP)	28,91	Muito baixo
21	Angra dos Reis (RJ)	25,13	Muito baixo	48	Itaituba (PA)	28,98	Muito baixo
22	Eunápolis (BA)	25,66	Muito baixo	49	Patos (PB)	28,98	Muito baixo
23	Santos (SP)	25,82	Muito baixo	50	Luziânia (GO)	29,12	Muito baixo
24	Santa Rita (PB)	25,85	Muito baixo	51	Sabará (MG)	29,33	Muito baixo
25	Santarém (PA)	26,33	Muito baixo	52	Rondonópolis (MT)	29,37	Muito baixo
26	Serra (ES)	26,42	Muito baixo	53	Poços de Caldas (MG)	29,75	Muito baixo
27	Luís Eduardo Magalhães (BA)	26,55	Muito baixo	54	Itacoatiara (AM)	29,91	Muito baixo

Posição	Município	Score	Nível	Posição	Município	Score	Nível
55	Cariacica (ES)	29,93		82	Ipatinga (MG)	31,12	Muito baixo
56	Itajaí (SC)	29,98	Muito baixo	83	Duque de Caxias (RJ)	31,14	Muito baixo
57	Suzano (SP)	30,03	Muito baixo	84	Mesquita (RJ)	31,32	Muito baixo
58	Tangará da Serra (MT)	30,08	Muito baixo	85	Itapipoca (CE)	31,34	Muito baixo
59	São Lourenço da Mata (PE)	30,10	Muito baixo	86	Gravataí (RS)	31,46	Muito baixo
60	Petrolina (PE)	30,24	Muito baixo	87	Magé (RJ)	31,56	Muito baixo
61	Jequié (BA)	30,25	Muito baixo	88	Betim (MG)	31,57	Muito baixo
62	Barcarena (PA)	30,26	Muito baixo	89	Colatina (ES)	31,62	Muito baixo
63	Varginha (MG)	30,27	Muito baixo	90	Porto Velho (RO)	31,67	Muito baixo
64	Juazeiro (BA)	30,32	Muito baixo	91	Maranguape (CE)	31,70	Muito baixo
65	Vitória de Santo Antão (PE)	30,33	Muito baixo	92	Vespasiano (MG)	31,71	Muito baixo
66	São Luís (MA)	30,38	Muito baixo	93	Itumbiara (GO)	31,72	Muito baixo
67	Sete Lagoas (MG)	30,40	Muito baixo	94	Camaragibe (PE)	31,73	Muito baixo
68	Sinop (MT)	30,41	Muito baixo	95	Patos de Minas (MG)	31,80	Muito baixo
69	Barra Mansa (RJ)	30,55	Muito baixo	96	Canoas (RS)	31,84	Muito baixo
70	Guarapuava (PR)	30,57	Muito baixo	97	Breves (PA)	31,88	Muito baixo
71	São Leopoldo (RS)	30,62	Muito baixo	98	Araguari (MG)	31,93	Muito baixo
72	São José de Ribamar (MA)	30,68	Muito baixo	99	São José dos Pinhais (PR)	31,95	Muito baixo
73	Altamira (PA)	30,73	Muito baixo	100	Balsas (MA)	31,99	Muito baixo
74	Várzea Paulista (SP)	30,73	Muito baixo	101	São José dos Campos (SP)	32,08	Muito baixo
75	Belford Roxo (RJ)	30,80	Muito baixo	102	Mossoró (RN)	32,15	Muito baixo
76	Sumaré (SP)	30,85	Muito baixo	103	Sertãozinho (SP)	32,31	Muito baixo
77	Guarapari (ES)	30,92	Muito baixo	104	Campo Largo (PR)	32,34	Muito baixo
78	Araucária (PR)	30,98	Muito baixo	105	Embu das Artes (SP)	32,36	Muito baixo
79	Mogi Guaçu (SP)	31,02	Muito baixo	106	Itapevi (SP)	32,45	Muito baixo
80	Bacabal (MA)	31,04	Muito baixo	107	Codó (MA)	32,46	Muito baixo
81	Ji-Paraná (RO)	31,10	Muito baixo	108	Santa Bárbara d'Oeste (SP)	32,65	Muito baixo

POSIÇÃO	MUNICÍPIO	SCORE	NÍVEL	POSIÇÃO	MUNICÍPIO	SCORE	NÍVEL
109	Teófilo Otoni (MG)	32,68	Muito baixo	136	Itatiba (SP)	33,87	Muito baixo
110	Cachoeiro de Itapemirim (ES)	32,69	Muito baixo	137	Imperatriz (MA)	33,99	Muito baixo
111	Rio Grande (RS)	32,71	Muito baixo	138	Foz do Iguaçu (PR)	34,00	Muito baixo
112	Porto Seguro (BA)	32,75	Muito baixo	139	Resende (RJ)	34,00	Muito baixo
113	Coronel Fabriciano (MG)	32,84	Muito baixo	140	Toledo (PR)	34,07	Muito baixo
114	Barueri (SP)	32,91	Muito baixo	141	Águas Lindas de Goiás (GO)	34,10	Muito baixo
115	Caraguatatuba (SP)	32,93	Muito baixo	142	Bragança Paulista (SP)	34,10	Muito baixo
116	São João de Meriti (RJ)	32,94	Muito baixo	143	Uruguaiana (RS)	34,11	Muito baixo
117	São Bernardo do Campo (SP)	32,98	Muito baixo	144	Lavras (MG)	34,16	Muito baixo
118	Indaiatuba (SP)	33,01	Muito baixo	145	Assis (SP)	34,19	Muito baixo
119	Maracanaú (CE)	33,05	Muito baixo	146	Cambé (PR)	34,22	Muito baixo
120	Itu (SP)	33,06	Muito baixo	147	Mogi das Cruzes (SP)	34,26	Muito baixo
121	Mauá (SP)	33,10	Muito baixo	148	Itapetininga (SP)	34,27	Muito baixo
122	Barbacena (MG)	33,18	Muito baixo	149	Alagoinhas (BA)	34,29	Muito baixo
123	Salto (SP)	33,20	Muito baixo	150	Limeira (SP)	34,30	Muito baixo
124	Viamão (RS)	33,20	Muito baixo	151	Formosa (GO)	34,35	Muito baixo
125	Abaetetuba (PA)	33,23	Muito baixo	152	Taubaté (SP)	34,43	Muito baixo
126	Nova Iguaçu (RJ)	33,35	Muito baixo	153	Rio Branco (AC)	34,48	Muito baixo
127	Itaquaquecetuba (SP)	33,42	Muito baixo	154	Paulista (PE)	34,49	Muito baixo
128	Pouso Alegre (MG)	33,51	Muito baixo	155	Caxias (MA)	34,50	Muito baixo
129	Caucaia (CE)	33,62	Muito baixo	156	Bagé (RS)	34,59	Muito baixo
130	Senador Canedo (GO)	33,64	Muito baixo	157	Jataí (GO)	34,60	Muito baixo
131	Natal (RN)	33,69	Muito baixo	158	Castanhal (PA)	34,62	Muito baixo
132	Maceió (AL)	33,70	Muito baixo	159	Várzea Grande (MT)	34,71	Muito baixo
133	Uberaba (MG)	33,75	Muito baixo	160	Anápolis (GO)	34,76	Muito baixo
134	Sorocaba (SP)	33,84	Muito baixo	161	São Gonçalo (RJ)	34,79	Muito baixo
135	Rio Claro (SP)	33,85	Muito baixo	162	Itabira (MG)	34,80	Muito baixo

POSIÇÃO	MUNICÍPIO	SCORE	NÍVEL	POSIÇÃO	MUNICÍPIO	SCORE	NÍVEL
163	Praia Grande (SP)	34,83	Muito baixo	190	Cascavel (PR)	36,39	Muito baixo
164	Queimados (RJ)	34,93	Muito baixo	191	Planaltina (GO)	36,45	Muito baixo
165	São Carlos (SP)	35,00	Muito baixo	192	Juazeiro do Norte (CE)	36,46	Muito baixo
166	Piracicaba (SP)	35,01	Muito baixo	193	Manaus (AM)	36,50	Muito baixo
167	Catanduva (SP)	35,02	Muito baixo	194	Belém (PA)	36,53	Muito baixo
168	Lages (SC)	35,06	Muito baixo	195	Chapecó (SC)	36,54	Muito baixo
169	Governador Valadares (MG)	35,13	Muito baixo	196	Taboão da Serra (SP)	36,65	Muito baixo
170	Caxias do Sul (RS)	35,15	Muito baixo	197	Rio de Janeiro (RJ)	36,75	Muito baixo
171	Atibaia (SP)	35,29	Muito baixo	198	Santa Luzia (MG)	36,76	Muito baixo
172	São Mateus (ES)	35,35	Muito baixo	199	Criciúma (SC)	36,78	Muito baixo
173	Guarujá (SP)	35,36	Muito baixo	200	Contagem (MG)	36,83	Muito baixo
174	Guarulhos (SP)	36,46	Muito baixo	201	Ananindeua (PA)	36,85	Muito baixo
175	Ribeirão das Neves (MG)	35,50	Muito baixo	202	Jundiaí (SP)	36,94	Muito baixo
176	Carapicuíba (SP)	35,52	Muito baixo	203	Jaraguá do Sul (SC)	36,96	Muito baixo
177	Fazenda Rio Grande (PR)	35,55	Muito baixo	204	Sapucaia do Sul (RS)	37,03	Muito baixo
178	Palmas (TO)	35,57	Muito baixo	205	Itabuna (BA)	37,10	Muito baixo
179	Almirante Tamandaré (PR)	35,58	Muito baixo	206	Boa Vista (RR)	37,14	Muito baixo
180	Campinas (SP)	35,64	Muito baixo	207	Ferraz de Vasconcelos (SP)	37,23	Muito baixo
181	Lagarto (SE)	35,75	Muito baixo	208	Marília (SP)	37,27	Muito baixo
182	Cachoeirinha (RS)	35,91	Muito baixo	209	Araguaína (TO)	37,29	Muito baixo
183	Arapongas (PR)	35,99	Muito baixo	210	Timon (MA)	37,36	Muito baixo
184	Itaperuna (RJ)	36,09	Muito baixo	211	Trindade (GO)	37,38	Muito baixo
185	Campina Grande (PB)	36,10	Muito baixo	212	Muriaé (MG)	37,41	Muito baixo
186	Ibirité (MG)	36,23	Muito baixo	213	Aparecida de Goiânia (GO)	37,42	Muito baixo
187	Garanhuns (PE)	36,27	Muito baixo	214	Francisco Morato (SP)	37,43	Muito baixo
188	Jandira (SP)	36,33	Muito baixo	215	Parnaíba (PI)	37,45	Muito baixo
189	Crato (CE)	36,35	Muito baixo	216	Campos dos Goytacazes (RJ)	37,47	Muito baixo

POSIÇÃO	MUNICÍPIO	SCORE	NÍVEL	POSIÇÃO	MUNICÍPIO	SCORE	NÍVEL
217	João Pessoa (PB)	37,49	Muito baixo	244	Colombo (PR)	38,76	Muito baixo
218	Nossa Senhora do Socorro (SE)	37,50	Muito baixo	245	Maricá (RJ)	38,77	Muito baixo
219	Barreiras (BA)	37,56	Muito baixo	246	Ubá (MG)	38,87	Muito baixo
220	Bento Gonçalves (RS)	37,63	Muito baixo	247	Palhoça (SC)	38,92	Muito baixo
221	Dourados (MS)	37,65	Muito baixo	248	Itanhaém (SP)	38,93	Muito baixo
222	Santana de Parnaíba (SP)	37,68	Muito baixo	249	Umuarama (PR)	38,94	Muito baixo
223	Campo Grande (MS)	37,71	Muito baixo	250	Pinhais (PR)	38,94	Muito baixo
224	Santa Maria (RS)	37,72	Muito baixo	251	Alvorada (RS)	38,96	Muito baixo
225	Florianópolis (SC)	37,75	Muito baixo	252	Camboriú (SC)	39,01	Muito baixo
226	Araçatuba (SP)	37,78	Muito baixo	253	Itabaiana (SE)	39,06	Muito baixo
227	Cametá (PA)	37,82	Muito baixo	254	Presidente Prudente (SP)	39,10	Muito baixo
228	Botucatu (SP)	37,91	Muito baixo	255	Porto Alegre (RS)	39,21	Muito baixo
229	Olinda (PE)	37,94	Muito baixo	256	Petrópolis (RJ)	39,22	Muito baixo
230	Conselheiro Lafaiete (MG)	37,97	Muito baixo	257	Franco da Rocha (SP)	39,39	Muito baixo
231	Aracaju (SE)	37,98	Muito baixo	258	Valinhos (SP)	39,40	Muito baixo
232	Joinville (SC)	38,01	Muito baixo	259	Recife (PE)	39,54	Muito baixo
233	Montes Claros (MG)	38,09	Muito baixo	260	Uberlândia (MG)	39,61	Muito baixo
234	Novo Gama (GO)	38,13	Muito baixo	261	Volta Redonda (RJ)	39,67	Muito baixo
235	Passos (MG)	38,17	Muito baixo	262	Feira de Santana (BA)	39,72	Muito baixo
236	Cuiabá (MT)	38,27	Muito baixo	263	Santa Cruz do Sul (RS)	39,75	Muito baixo
237	Teresópolis (RJ)	38,31	Muito baixo	264	Americana (SP)	39,79	Muito baixo
238	Sarandi (PR)	38,34	Muito baixo	265	Lauro de Freitas (BA)	39,84	Muito baixo
239	Divinópolis (MG)	38,36	Muito baixo	266	Curitiba (PR)	39,93	Muito baixo
240	Cotia (SP)	38,37	Muito baixo	267	Jaú (SP)	39,94	Muito baixo
241	Araraquara (SP)	38,56	Muito baixo	268	Macapá (AP)	39,95	Muito baixo
242	Vila Velha (ES)	38,65	Muito baixo	269	Teresina (PI)	39,97	Muito baixo
243	Jaboatão dos Guararapes (PE)	38,71	Muito baixo	270	Cabo Frio (RJ)	40,09	Baixo

POSIÇÃO	MUNICÍPIO	SCORE	NÍVEL	POSIÇÃO	MUNICÍPIO	SCORE	NÍVEL
271	Niterói (RJ)	40,10	Baixo	296	Valparaíso de Goiás (GO)	41,54	Baixo
272	Hortolândia (SP)	40,11	Baixo	297	Salvador (BA)	41,70	Baixo
273	Fortaleza (CE)	40,15	Baixo	298	Novo Hamburgo (RS)	41,71	Baixo
274	Paulínia (SP)	40,17	Baixo	299	São Gonçalo do Amarante (RN)	41,75	Baixo
275	Araruama (RJ)	40,19	Baixo	300	Apucarana (PR)	41,82	Baixo
276	Belo Horizonte (MG)	40,28	Baixo	301	Piraquara (PR)	41,99	Baixo
277	Vitória da Conquista (BA)	40,32	Baixo	302	São Vicente (SP)	42,01	Baixo
278	Caruaru (PE)	40,33	Baixo	303	Franca (SP)	42,11	Baixo
279	Ribeirão Preto (SP)	40,37	Baixo	304	São José do Rio Preto (SP)	42,28	Baixo
280	Santo Antônio de Jesus (BA)	40,41	Baixo	305	Santo André (SP)	42,37	Baixo
281	São Paulo (SP)	40,46	Baixo	306	Itapeceira da Serra (SP)	42,42	Baixo
282	Diadema (SP)	40,57	Baixo	307	Osasco (SP)	42,53	Baixo
283	Paço do Lumiar (MA)	40,73	Baixo	308	Blumenau (SC)	42,69	Baixo
284	Passo Fundo (RS)	40,85	Baixo	309	Maringá (PR)	43,29	Baixo
285	Juiz de Fora (MG)	40,86	Baixo	310	Brusque (SC)	43,79	Baixo
286	Pelotas (RS)	40,87	Baixo	311	Sobral (CE)	44,32	Baixo
287	Nilópolis (RJ)	41,00	Baixo	312	Birigui (SP)	44,40	Baixo
288	Poá (SP)	41,01	Baixo	313	Londrina (PR)	44,78	Baixo
289	Goiânia (GO)	41,04	Baixo	314	Nova Friburgo (RJ)	46,37	Baixo
290	Bauru (SP)	41,17	Baixo	315	Balneário Camboriú (SC)	48,49	Baixo
291	Nova Lima (MG)	41,22	Baixo	316	Nova Serrana (MG)	49,66	Baixo
292	São José (SC)	41,23	Baixo	317	Brasília (DF)	50,00	Médio
293	Parnamirim (RN)	41,37	Baixo	318	São Caetano do Sul (SP)	50,69	Médio
294	Tubarão (SC)	41,40	Baixo	319	Araras (SP)	53,52	Médio
295	Ribeirão Pires (SP)	41,53	Baixo				

